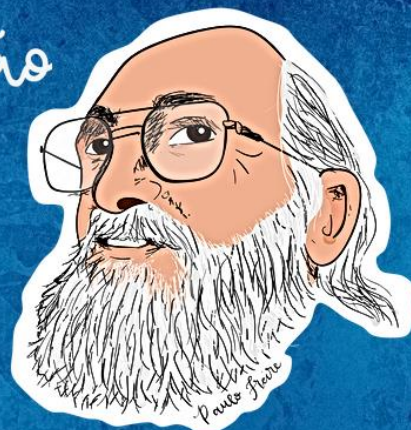


X SEMANA DE EDUCAÇÃO
— TÂNIA MARA TAVARES DA SILVA

100 anos de Paulo Freire
& 35 anos DA ESCOLA DE EDUCAÇÃO!

Unirio



17 à 21 de maio de 2021

CADERNO DE RESUMOS

Agosto de 2022

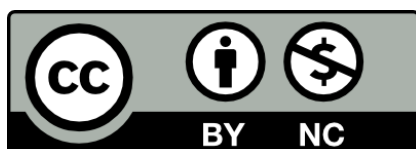
Realização:



Apoio:



O padrão ortográfico e o sistema de citações e referências bibliográficas são prerrogativas de cada autor(es). Da mesma forma, o conteúdo de cada resumo é de inteira e exclusiva responsabilidade de seu(s) respectivo(s) autor(es).



Este Caderno de Resumos está sob os direitos da Creative Commons 4.0
https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt_BR

ISBN: 978-65-86694-11-6

Semana de Educação Tania Mara Tavares da Silva (5: 2021: S471 Rio de Janeiro, Brasil).

Caderno de Resumos / X Semana de Educação: 100 anos de Paulo Freire; Organização do Caderno: Andréa Thees; Anelize Reynozo – Rio de Janeiro: UNIRIO, 2022.

Publicação digitalizada
ISBN: 978-65-86694-11-6

1. Educação – Congressos. 2. Abordagem interdisciplinar do conhecimento na educação I. Thees, Andréa. II. Reynozo, Anelize. III. Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Centro de Ciências Humanas e Sociais. Escola de Educação. V. Título.

CDD –370.098153

Equipe

COORDENAÇÃO GERAL DO EVENTO

José Damiro de Moraes

ORGANIZAÇÃO DO CADERNO DE RESUMOS

Andréa Thees
Anelize Reynozo

COMISSÃO ORGANIZADORA

Etiene Silva de Abreu
Jane Santos da Silva
Hérica Aguiar do Nascimento

COMISSÃO ORGANIZADORA (DISCENTES)

Ariana Targino de Melo Rodrigues
Bia Paixão Vidal
Laís Alves Barrozo
Leticia de Amorim Pereira
Matheus Saldanha do Amaral

DESENVOLVIMENTO DO SITE

Leticia de Amorim Pereira
Matheus Saldanha do Amaral

Apresentação

A Semana de Educação é um evento organizado por docentes e discentes da Escola de Educação da UNIRIO e cada vez mais vem se consolidando como um espaço e um tempo de trocas múltiplas entre membros da comunidade interna e externa à Escola, marcando a interação dialógica entre a comunidade acadêmica e a sociedade. A semana é um projeto anual de Extensão pois sua ação não se restringe, desde 2017, a apenas uma semana com ações que se expandem pelo ano através de aulas públicas bimestrais.

Em 2021 realizaremos a 10ª edição, por conta da pandemia de Covid-19, toda online. Desde o ano de 2016, o evento passou a ser denominado Semana de Educação Tânia Mara Tavares da Silva, em homenagem a professora que foi a grande entusiasta do evento que nos deixou naquele ano.

Nosso evento é plural e interdisciplinar e aberto a todos. E o tema esse ano é Semana de Educação da Unirio Tânia Mara Tavares da Silva 2021: 100 anos de Paulo Freire e 35 anos da Escola de Educação.

Comissão Organizadora da X Semana de Educação

Programação

Segunda-feira (17/05) **Vespertino**

Oficina

Currículo como conversa na formação em ERE.

Responsável: Maria Luiza Sussekind

Vagas: 50

Sala: Em Breve

Horário: 13h - 15h

Roda de Conversa

Codinome Aqualtunes: escriturinhas pretugasas e empoderamentos no espaço escolar.

Responsável: Natalia de Moraes Romão da Silva

Vagas: Abertas

Sala: <https://meet.google.com/zpm-bgrk-rzw?authuser=0>

Horário: 15h - 17h

Mesa Redonda

Infâncias, Natureza e Ancestralidade.

Responsável: Lea Velocina Vargas Tiriba

Vagas: Abertas

Sala: <https://www.youtube.com/watch?v=y nukExMvJ4>

Horário: 15h - 17h

Noturno

Posse da direção da Escola de Educação UNIRIO

Cerimônia de posse da nova Direção da Escola de Educação - Profa. Dra. Andréa Rosana Fetzner.

Sala: <https://youtu.be/v3VCwICzUbc>

Horário: 18h - 18h55

Conferência de abertura

Cem anos de Paulo Freire com o Professor Pedro Pontual.

Sala: <https://youtu.be/EHHOavIZMB4>

Horário: 19h

Terça-feira (18/05) **Vespertino**

Roda de Conversa

Presenças remotas: múltiplas possibilidades e desafios na educação.

Responsável: Adriana Rocha Bruno

Vagas: Abertas

Sala: <http://meet.google.com/fgu-aocq-pon>

Horário: 15h - 17h

Oficina

Cine Geasur: Sessão de um curta metragem com roda de conversa ao final.

Responsável: Leonardo Villela de Castro

Vagas: Abertas

Sala: <http://meet.google.com/kcd-pbqg-woj>

Horário: 15h - 17h

Roda de Conversa

Lições da pandemia: experiências colaborativas de possíveis aprendizagens pela tela.

Responsáveis: Crizan Sasson C. de Oliveira Leone (CAP UERJ/UNIRIO), Bonnie Axer (CAP UERJ), Mônica Almeida (CAP UERJ), Mariana Motta de Souza (UERJ), Yasmin de Barros Oliveira (UERJ), Elisete Sabino de Oliveira (UERJ) e Luiza di Paula Correia Soares (UERJ).

Vagas: Abertas

Sala: <http://meet.google.com/vnf-rgyj-sah>

Horário: 15h - 17h

Roda de Conversa

Práticas museais e socioeducação.

Responsável: Andréa Martello

Vagas: Abertas

Sala: <https://meet.google.com/nmg-pekk-onp>

Horário: 15h - 17h

Noturno

Mesa Redonda

Atravessar, habitar, escrever e dançar: praticar a presença em meios virtuais.

Responsável: Priscilla Menezes de Faria

Vagas: Abertas

Sala: <http://meet.google.com/ivh-sqbx-zjy>

Horário: 18h - 20h

Mesa Redonda

Gestão Educacional e Implementação de Políticas Públicas.

Responsável: Ana Cristina Oliveira

Vagas: 50

Sala: Em breve

Horário: 18h - 20h

Roda de Conversa

(Im)possibilidades da avaliação para as aprendizagens em tempos de ensino remoto.

Responsável: Claudia de Oliveira Fernandes

Vagas: 40

Sala: <https://meet.google.com/ssd-wmat-kxe>

Horário: 18h - 20h

Sarau

Sarau Ler e Compartilhar.

Responsável: Marcela Afonso Fernandez

Vagas: Abertas

Sala: <http://meet.google.com/yud-zyyx-kqj>

Horário: 18h - 20h

Mesa Redonda

Diálogos Insurgentes entre a Educação Ambiental de Base Comunitária, os conflitos socioambientais e as reexistências dos povos do Sul Global.

Responsável: Celso Sanchez

Vagas: Abertas

Sala: <https://meet.google.com/rtb-wskh-oih>

Horário: 18h - 20h

Oficina

Oficina de recursos digitais para Educação Museal online.

Responsável: Jonatan da Silva

Vagas: Abertas

Sala: <meet.google.com/fjk-pfbq-qxe>

Horário: 18h - 20h

Mesa Redonda

Como andam nossas pesquisas? Caminhando entre trocas e afetos nesses tempos difíceis.

Responsável: Lucia Helena Pralon de Souza

Vagas: Abertas

Sala: <https://meet.google.com/tza-rikf-yuq>

Horário: 18h - 20h

Roda de Conversa

Gestão Educacional: Experiências do Campo.

Responsável: Elisangela da Silva Bernado

Vagas: Abertas

Sala: <meet.google.com/ewn-iqgg-aay>

Horário: 20h - 22h

Roda de Conversa

Africanidades no Ensino de Matemática.

Responsável: Valéria da Silva Lima

Vagas: Abertas

Sala: <http://meet.google.com/kvt-nzfd-tsp>

Horário: 20h - 22h

Quarta-feira (19/05) **Vespertino**

Roda de Conversa

Gestão Educacional: Experiências do campo.

Responsável: Deisilucy de Aragão F. Sequeira

Vagas: Abertas

Sala: <http://meet.google.com/byu-agvw-ksu>

Horário: 15h - 17h

Oficina

Usos e Abusos de videoaulas do YouTube.

Responsáveis: Andréa Thees e Tarliz Liao

Vagas: Abertas

Sala: <https://meet.google.com/brs-mqmi-hjn>

Horário: 15h - 17h

Roda de Conversa

A polidocência na Pedagogia EAD/UNIRIO.

Responsável: Leonardo Villela de Castro

Vagas: Abertas

Sala: <http://meet.google.com/cej-cqsg-dtu>

Horário: 15h - 17h

Mesa Redonda

"O bom filho à casa torna" - Diálogo com pesquisadores egressos da UNIRIO.

Responsável: Gabriela Barreto da Silva Scramingnon

Vagas: Abertas

Sala: <https://meet.google.com/qoe-xyff-erq>

Horário: 15h - 17h

Mesa Redonda

Ações colaborativas na formação matemática para a docência no Ensino Fundamental.

Responsável: Ana Maria Carneiro Abrahão

Vagas: Abertas

Sala: <https://meet.google.com/akp-nnzy-zgf>

Horário: 15h - 17h

Roda de Conversa

A Perspectiva da Interculturalidade Crítica e Decolonialidade em Diálogo com a Lei 11.645/2008: olhares das narrativas indígenas e processos educativos.

Responsável: Marcelo Aranda Stortti

Vagas: Abertas

Sala: <https://www.facebook.com/educacaoindigenaepandemia>

Horário: 15h - 17h

Noturno

Roda de Conversa

Fragmentos Freireanos: experiências éticas, estéticas e poéticas na educação.

Responsável: Adriane Ogêda Guedes e Débora Assumpção

Vagas: Abertas

Inscrições: <https://forms.gle/u3HHepYjwzHwBwi9>

Sala: <https://meet.google.com/vaa-xyfq-syp>

Horário: 18h - 20h

Roda de Conversa

Feedback no curso e Pedagogia EAD/UNIRIO.

Responsável: Sonia Terezinha de Oliveira

Vagas: Abertas

Sala: <https://meet.google.com/rhv-qmsw-qza>

Horário: 18h - 20h

Roda de Conversa

O que ninguém te conta sobre os Projetos acadêmicos e a vida universitária: o lado de cá.

Responsável: Karina Santos de Brito Silva

Vagas: Abertas

Sala: <https://meet.google.com/ytf-ogbx-bev>

Horário: 18h - 20h

Oficina

Jogos Matemáticos: Experiências e práticas na sala de aula.

Responsável: Larissa Stephanie Dias e Silva

Vagas: Abertas

Sala: <https://meet.google.com/qug-kmsr-vzm>

Horário: 18h - 20h

Oficina

Oficina de recursos digitais para Educação Museal online.

Responsável: Jonatan da Silva

Vagas: Abertas

Sala: meet.google.com/fjk-pfbq-qxe

Horário: 18h - 20h

Oficina

Trabalho remoto nos Anos Iniciais. Possibilidades. Como construir recursos pedagógicos que compreendem a avaliação como um projeto de aprendizagem?

Responsáveis: Luiza Cristina Gatti Peralta, Claudia Fernandes e Ricardo Fernandes

Vagas: 40

Sala: <https://meet.google.com/jjx-oscw-rtw>

Horário: 20h - 22h

Roda de Conversa

Debates em Redes: O protagonismo estudantil na pesquisa.

Responsável: Luanna Mendes Barreto

Vagas: Abertas

Sala: <http://meet.google.com/eaf-nxec-qzr>

Horário: 20h - 22h

Roda de Conversa

Aulas Remotas e Alguns Impactos.

Responsável: Sonia Regina Mincov de Almeida

Vagas: Abertas

Sala: <https://meet.google.com/kov-zgmj-qrr>

Horário 20h - 22h

Quinta-feira (20/05) **Vespertino**

Oficina

Resultados quantitativos em Educação: vamos propor um vocabulário antirracista em sala de aula?

Responsáveis: Isabela Cavalcante, Jessica Leal e Marcele Cunha

Vagas: Abertas

Sala: <https://meet.google.com/uku-wwdp-ptf>

Horário: 13h - 15h

Painel Temático

Simpósio Narrativas Outras: Possibilidades, Desafios e reflexões a partir da pesquisa e prática docente decolonial e anti-hegemônica.

Responsável: Pedro Vitor Coutinho

Sala: <https://meet.google.com/jvd-vjar-ger>

Horário: 15h - 17h

Roda de Conversa

Educação de Jovens e Adultos: políticas públicas, formação e pensamento Freiriano.

Responsáveis: Eliane Ribeiro e Leôncio Soares

Vagas: Abertas

Sala: <https://bityli.com/ejaunirio>

Horário: 15h - 17h

Roda de Conversa

Dispositivos de escuta na educação como uma estratégia política e ética.

Responsável: Cláudia Braga de Andrade

Vagas: Abertas

Sala: <http://meet.google.com/kzf-kemq-vgk>

Horário: 15h - 17h

Painel Temático

Escolas charters e vouchers educacionais: compreendendo e opondo-se a propostas de privatização da educação brasileira.

Responsável: Henrique Dias Gomes de Nazareth, Fabricia Osanaí Pires e Gabriela Andrade Cunha

Vagas: Abertas

Sala: <https://meet.google.com/joe-fgec-dnm>

Horário: 15h - 17h

Roda de Conversa

"Data is money!" Um olhar Mídia Ecológico sobre o papel da escola frente as novas tecnologias.

Responsáveis: Cleiton Felix de Lima

Vagas: Abertas

Sala: <https://meet.google.com/mqj-qmzp-gbr>

Horário: 15h - 17h

Roda de Conversa **Noturno**

Experiências de professores de matemática da Educação Básica durante a Pandemia.

Responsável: Andréa Thees

Vagas: Abertas

Sala: <https://meet.google.com/mqj-uynf-skm>

Horário: 18h - 20h

Painel Temático

Questões políticas, Históricas e Filosóficas da Educação.

Responsáveis: O painel apresentará as pesquisas dos/as orientandos/as de Etienne Abreu, Jane Santos, José Damiro e Marco Aurélio.

Vagas: Abertas

Sala: O endereço chegará no e-mail dos inscritos no dia do evento.

Horário: 18h - 20h

Roda de Conversa

"Data is money!" Um olhar Mídia Ecológico sobre o papel da escola frente as novas tecnologias.

Responsável: Cleiton Felix de Lima

Vagas: Abertas

Inscrições: <https://forms.gle/TitDkcp2gYqGNC2v6>

Sala: <https://meet.google.com/zkh-zeko-fjx>

Horário: 20h - 22h

Sexta-feira (21/05) **Vespertino**

Painel Temático

Questões políticas, Históricas e Filosóficas da Educação.

Responsáveis: O painel apresentará as pesquisas dos/as orientandos/as de Etiene Abreu, Jane Santos, José Damiro e Marco Aurélio.

Vagas: Abertas

Sala: O endereço chegará no e-mail dos inscritos no dia do evento.

Horário: 13h - 15h

Mesa Redonda

Investigação para um Currículo Relevante: conversas entre Açores e Rio de Janeiro.

Responsável: Andréa Rosana Fetzner

Vagas: Abertas, sem limites de vagas

Sala: <https://www.youtube.com/c/AndreaRosanaFetznerKrug>

Horário: 13h - 15h

Mesa Redonda

Quando LGBTQs invadem a escola e o mundo do trabalho.

Responsável: Diógenes Pinheiro e Claudia Reis

Participação: Alexandre Bortolini, Dandara Felícia e Paulo Melgaço

Vagas: Abertas

Sala: <https://bityli.com/lgbt>

Horário: 15h - 17h

Sarau

Sarau (de) Matemática.

Responsável: Ana Clara Moreira Lima Ventura

Vagas: Abertas

Sala: <https://meet.google.com/xsg-tsjm-yok>

Horário: 15h - 17h

Oficina

Escrita Criativa: desaguando sentidos.

Responsáveis: Marcela Afonso Fernandez

Vagas: 35

Sala: meet.google.com/yud-uzyx-kqj

Horário: 15h - 17h

Divulgação

Página oficial

<https://educacaounirio.wixsite.com/semanaeducacao>

E-mail

semanadaeducacaounirio@gmail.com

Rede social

<https://www.instagram.com/semana.de.educacao>

Canais de transmissão no YouTube

CCH: <https://www.youtube.com/c/UNIRIOCCH>

Escola de Educação: <https://www.youtube.com/channel/UCsdlizdLxlZKMrRmsjMuZUQ>

Sumário dos Resumos

AFRICANIDADES NO ENSINO DE MATEMÁTICA.....	12
UM ESTUDO SOBRE CONSELHOS ESCOLARES EM ESCOLAS DE TEMPO INTEGRAL: REVISÃO DE LITERATURA A PARTIR DE TESES E DISSERTAÇÕES DA CAPES.....	15
INFÂNCIAS, NATUREZA E ANCESTRALIDADE	16
DISPOSITIVOS DE ESCUTA NA EDUCAÇÃO COMO UMA ESTRATÉGIA POLÍTICA E ÉTICA	17
ATRAVessar, Habitar, Escrever e Dançar: Praticar a Presença em Meios Virtuais.....	19
“DATA IS MONEY!” - UM OLHAR MÍDIA ECOLÓGICO SOBRE O PAPEL DA ESCOLA FRENTE ÀS NOVAS TECNOLOGIAS.....	20
BNCC: IMPLEMENTAÇÃO DO CURRÍCULO DE HISTÓRIA E A DISCRICIONARIEDADE DOS AGENTES IMPLEMENTADORES.....	21
ORIENTADOR EDUCACIONAL E DEFICIÊNCIAS: IMPLEMENTAÇÃO DE POLÍTICAS PÚBLICAS DE INCLUSÃO.....	22
ÚLTIMO ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL: UM CONTEXTO DE DESIGUALDADES	23
MODELO	24
CONTEXTUALIZANDO O PROGRAMA SAÚDE NA ESCOLA, PSE CARIOCA: POLÍTICA INTERSETORIAL DE SAÚDE INTEGRAL E EDUCAÇÃO INTEGRAL ...	25
OFICINA - USOS E ABUSOS DE VIDEOAULAS DO YOUTUBE.....	27
MESA REDONDA: AÇÕES COLABORATIVAS NA FORMAÇÃO MATEMÁTICA PARA A DOCÊNCIA NO ENSINO FUNDAMENTAL.....	29
A MATEMÁTICA NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL: AVERSÃO, DESAFIOS E FORMAÇÃO DE PROFESSORES.....	30
OFICINA DE MATEMÁTICA E A CONSTRUÇÃO DE CONHECIMENTOS NUMÉRICOS: USO DE JOGOS E MATERIAIS MANIPULÁVEIS EM UMA PERSPECTIVA INCLUSIVA DE ENSINO.....	31
UM PROCESSO DESAFIADOR: A RELAÇÃO ENSINO/APRENDIZAGEM DO NÚMERO FRACIONÁRIO NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL.....	32
O ENSINO DE CONTAGEM/COMBINATÓRIA ATRAVÉS DE JOGOS DIGITAIS NO GEOGEBRA.....	33
O MINISTÉRIO PÚBLICO E A REGULAMENTAÇÃO DA GESTÃO DEMOCRÁTICA NO PROCESSO SELETIVO DE DIRETORES ESCOLARES EM MUNICÍPIOS DA BAIXADA FLUMINENSE (RJ).....	34
PRÁTICAS MUSEAIS E SOCIOEDUCAÇÃO	35
RELATO DA EXPERIÊNCIA NO SARAU (DE) MATEMÁTICA.....	37

CODINOME AQUALTUNES: ESCRIVIVÊNCIAS PRETUGUESAS E EMPODERAMENTOS NO ESPAÇO ESCOLAR.....	39
O INIMIGO DO REI (1977-1988): ANARQUISMOS E IMPRENSA ALTERNATIVA, LUTA E RESISTÊNCIAEM TEMPOS ESCUROS.....	40
EDUCAÇÃO AMBIENTAL: POR UMA PEDAGOGIA BIOFÍLICA E BIOCÊNTRICA	42
INFÂNCIA QUILOMBOLA MANIFESTADA NO BRINCAR COM A NATUREZA.....	43
LER, REVERBERAR E ESCREVER: UM TRANSBORDAMENTO DE VOZES	44
DIÁLOGOS EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL: DA (ECO)CIDADANIA A TERRITORIANIA.....	47
TRABALHO REMOTO NOS ANOS INICIAIS. POSSIBILIDADES. COMO CONSTRUIR RECURSOS PEDAGÓGICOS QUE COMPREENDEM A AVALIAÇÃO COMO UM PROJETO DE APRENDIZAGEM?.....	49
RODA DE CONVERSA COM AS CIGARRAS - FRAGMENTOS FREIREANOS: EXPERIÊNCIAS ÉTICAS, ESTÉTICAS E POÉTICAS NA EDUCAÇÃO	51
NEGROTECA, POR QUE SUA ESCOLA PRECISA DE UMA?.....	53
AULAS REMOTAS E ALGUNS IMPACTOS.....	54
NARRATIVAS OUTRAS: RELAÇÕES COM E ENTRE CRIANÇA E NATUREZA: A CONSTRUÇÃO AMOROSA DE UMA NARRATIVA DECOLONIAL.....	56
EXPERIÊNCIAS DE PROFESSORES DE MATEMÁTICA DA EDUCAÇÃO BÁSICA DURANTE A PANDEMIA.....	58
OS DESAFIOS DA EFETIVAÇÃO DO DIREITO À EDUCAÇÃO DIANTE DAS DESIGUALDADES	60
CURRÍCULO COMO CONVERSA NA FORMAÇÃO EM ERE	61
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: POLÍTICAS PÚBLICAS, FORMAÇÃO E PENSAMENTO FREIRIANO	63
QUANDO LGTB INVADEM A ESCOLA E O MUNDO DO TRABALHO.....	65
RESULTADOS QUANTITATIVOS EM EDUCAÇÃO: VAMOS PROPOR UM VOCABULÁRIO ANTIRRACISTA EM SALA DE AULA?.....	67
O QUE NINGUÉM TE CONTA SOBRE OS PROJETOS ACADÊMICOS E A VIDA UNIVERSITÁRIA: O LADO DE CÁ.....	69
A BUROCRACIA DE NÍVEL DE RUA E A CATEGORIZAÇÃO SOCIAL DOS SUJEITOS.....	70

AFRICANIDADES NO ENSINO DE MATEMÁTICA

Valéria da Silva Lima

Eduardo dos Santos de Oliveira Braga

Juliana Fortunato da Costa de Souza

Demétrio Luiz Riquete Gripp

Africanidades no Ensino de Matemática é o tema que guia nossa pesquisa. Partindo do pressuposto de que precisamos investir na educação antirracista, em especial no contexto de descaso e desvalorização da educação brasileira, objetivamos colaborar com reflexões acerca das contribuições africanas para o ensino de matemática. Compreendemos que a matemática é uma construção humana em que povos distintos produziram conhecimentos para intervenção no mundo e resolução de problemas práticos. Dessa forma, estudos da etnomatemática nos auxiliam no entendimento de que há matemáticas outras que precisam ser conhecidas e exploradas para além das que valorizam a hegemonia do norte. É preciso sulear as produções e inseri-las nas práticas cotidianas. O jogo *awalé* desperta o raciocínio lógico e as memórias de africanidades. Trata-se de um exemplo para dinamizar aulas e aproximá-las do Continente Africano. As etapas do jogo representam a semeadura, a redistribuição e a colheita vital. Essas ações são reparadoras e movimentam ações para que a lei 10.639/03 seja reconhecida e as produções dos povos africanos divulgadas. Investir na luta cotidiana a favor de uma educação antirracista é estar no caminho da busca por igualdade, equidade e dignidade para todas e todos. Debates, reflexões, estudos e resultados devem fazer parte de nossas ações, tendo em vista a proposta de educação antirracista na ecologia de saberes. As nuvens de palavras apresentadas a seguir são resultados de ações coletivas no construto da oficina realizada com docentes em formação em espaço e tempo pandêmicos. Objetivamos, com elas, investigar a visão desses docentes sobre a África e sobre a Matemática, buscando identificar predominâncias e revelar articulações.

sujeitos sobre a Matemática, revelando mazelas e estereótipos que marcam suas trajetórias (muito difícil, complexa, magia, números, etc). Por outro lado, timidamente descortina relações entre Matemática e África, especialmente na nuvem em que se trata da Matemática. Apropriar-se da história da África e da Matemática (e suas relações), bem como jogar, raciocinar, pensar e semear são caminhos possíveis para a articulação dos temas propostos (Africanidades e Matemática) e para a luta contra o racismo.

Palavras-chave: Africanidades; Ensino de Matemática; Resgate; Reparação; Movimento plural.

UM ESTUDO SOBRE CONSELHOS ESCOLARES EM ESCOLAS DE TEMPO INTEGRAL: REVISÃO DE LITERATURA A PARTIR DE TESES E DISSERTAÇÕES DA CAPES

Amanda Moreira Borde
UNIRIO

O presente resumo tem por objetivo apresentar os dados encontrados na revisão de literatura sobre conselhos escolares em escolas de tempo integral. O estudo foi realizado no âmbito do Grupo de Pesquisa “Políticas, Gestão e Financiamento da Educação” com o intuito de encontrarmos pesquisas que se aproximassem do nosso tema, que é a participação dos colegiados em escolas de tempo integral. Apresentamos inicialmente no IV Encontro Nacional de Jovens Investigadores em Educação (ENJIE) que ocorreu no ano de 2020 em Évora/Portugal e ampliado para a X Semana de Educação Tania Mara Tavares da Silva. A metodologia utilizada é de cunho qualitativo, com foco na análise da literatura. Para realizar a pesquisa, debruçamo-nos nas teses e dissertações constantes no banco de teses da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). O quantitativo de teses e dissertações foi analisado desde 1990, ano em que aparecem no banco de teses da CAPES as primeiras escritas sobre o tema, até o ano de 2018. Para a análise, seguimos um roteiro: a) levantamento das teses e dissertações no banco de teses da CAPES; b) leitura dos resumos para catalogar; c) organização de quadros e gráficos quanto à importância do tema diante das palavras-chave. Finalizamos a revisão de literatura encontrando uma tese intitulada “Política educacional e inclusão social: um estudo dos programas de ampliação da jornada escolar” (PERRUDE, 2013), quatro dissertações de mestrado acadêmico, com os seguintes temas: “Conselhos Escolares em duas escolas públicas de tempo integral do Município de Itaboraí/RJ: a participação em discussão” (MARQUES, 2016), Gestão democrática e(m) escola de tempo integral: Os Conselhos Escolares em foco (ESPÍRITO SANTO, 2016), “O Programa Mais Educação: concepções e desafios para a gestão escolar” (SIQUEIRA, 2016) e “Desenvolvimento organizacional e pedagógico do Programa Mais Educação na Escola” (MONTALVÃO, 2017), além de uma dissertação de mestrado profissional intitulada “A participação docente na gestão da escola de educação integral no município de Itaquitinga – PE” (SILVA, 2018). Os resultados parciais da investigação nos apresentaram a relevância dos estudos sobre gestão democrática nas escolas públicas brasileiras, com foco na participação em conselhos escolares, mas observamos um número reduzido de estudos sobre esses colegiados em escolas de tempo integral.

Palavras-chave: Escola de Tempo Integral; Conselho Escolar; Participação

INFÂNCIAS, NATUREZA E ANCESTRALIDADE

Jéssica Elias Pereira

Amanda Vollger Ribeiro

Lea Tiriba

O presente trabalho é resultado de pesquisas realizadas pelo Grupo de Pesquisa Infâncias, Tradições Ancestrais e Cultura Ambiental (GiTaKa/UNIRIO), que objetiva compartilhar resultados de investigações e considerações acerca das concepções de infância e natureza próprias dos modos de viver e de educar de povos tradicionais brasileiros. Em um momento de emergência global e de genocídio aos povos indígenas é necessário produzir pedagogias que reafirmem as contribuições de seus modos de viver que se opõem à lógica de exploração da Terra. Os achados de pesquisa referentes às relações das crianças com o ambiente natural foram obtidos graças à revisão bibliográfica de produções acadêmicas stricto sensu de universidades públicas do Sudeste brasileiro sobre os povos originários; e ainda de análise de imagens/vídeos e relatos de professoras indígenas Tupinambá de Olivença/Bahia, como também de sistematização de depoimentos colhidos em reuniões de formação. A partir dessas investigações, compreendemos que as filosofias de vida desses povos são orientadoras de práticas de relação com a vida pautadas na democracia, no respeito e na garantia dos direitos de diversos modos de expressão da natureza, de forma que reverberam trocas horizontalizadas em ambientes escolares. Para além disso, a educação das crianças pequenas entre as etnias indígenas estudadas Guarani Mbya do Rio de Janeiro; Guarani Mbya de São Paulo; Guarani Mbya do Espírito Santo; Xakriabá de Minas Gerais; Maxakali de Minas Gerais, Kaingang de São Paulo e Pataxó de Minas Gerais, demonstram que a relação de proximidade entre seres humanos e a natureza vai sendo reafirmada ao longo da vida. Nesse sentido, a cultura dos povos originários age na manutenção de uma relação que tem como prioridade as interações biocêntricas; e, em consequência, a degradação ambiental do seu território incide de forma desfavorável sobre a continuidade de seus saberes orgânicos e tradicionais. A educação das crianças entre as etnias assegura a liberdade de conhecer e caminhar sobre o próprio território, participando de atividades para a economia e subsistência do seu povo. Crianças não são evitadas em espaços compartilhados somente por adultos, com frequência possuem função nos ritos, na comunicação entre seus parentes, sendo consideradas suas necessidades em conformações sociais e disposições geográficas. O brincar é respeitado e é fundamental na formação do corpo da criança, sendo principal ferramenta na assimilação de saberes, caracterizando uma educação sensível. Assim, os resultados nos levam a acreditar que, para pensar a criação de uma pedagogia nossa, é necessário aprender com os povos originários formas de conceber as infâncias, suas relações com a natureza e seus lugares nos diferentes modos de organização social.

DISPOSITIVOS DE ESCUTA NA EDUCAÇÃO COMO UMA ESTRATÉGIA POLÍTICA E ÉTICA

Cláudia Braga de Andrade

Andréa Martello

Lúcia Perez

Cauana Mayrink

Larissa Araújo

Myllena Magalhães

Victoria Oliveira

A roda de conversa intitulada “Dispositivos de Escuta na Educação como uma estratégia política e ética” discutiu a proposta e os resultados parciais de uma ação extensionistas vinculada ao projeto de pesquisa e extensão “Da escola a Universidade: escutando o mal-estar e o sofrimento psíquico”. Iniciada em julho de 2020 e ainda em andamento, a ação de extensão oferece um espaço de escuta à professores da rede municipal de ensino fundamental. A equipe do projeto tem na coordenação as professoras Cláudia Braga de Andrade, Andréa Martello e Lúcia Perez e um grupo de bolsistas, discentes do curso de pedagogia, Cauana Mayrink, Larissa Araújo, Myllena Magalhães e Victoria Oliveira. A roda de conversa teve duração de duas horas e foi realizada através da plataforma do Google Meet, contando com a participação de aproximadamente trinta pessoas, entre discentes da UNIRIO e participantes de outros Estados. No primeiro momento, as coordenadoras do projeto apresentaram a concepção e proposta do dispositivo de escuta e seus desdobramentos no atendimento de estudantes e professores. Descreveu-se a constituição deste grupo de trabalho, a partir de uma demanda por um espaço de formação até a oferta de um espaço de escuta, onde são convidados a falarem sobre seus medos, angústias e desejos, sem um tema estabelecido. A partir desta exposição, foram destacados alguns dos efeitos que surgiram do exercício dessa fala livre, da escuta e da troca entre os pares. Também se discutiu alguns aspectos da metodologia de trabalho e as adaptações necessárias ao formato dos encontros que passaram a ser realizados através de plataforma digital, devido à pandemia do Covid 19. Em seguida as bolsistas apresentaram uma síntese das demandas recebidas e dos desafios enfrentados pelos professores no período dos encontros, utilizando uma linha do tempo que apontava as mudanças e dificuldade de adaptação e preparo no uso dos diversos aplicativos, a previsão de retorno à sala de aula e os medos e anseios referentes à essa, as dificuldades e frustrações na relação com os responsáveis desses alunos e demandas da secretaria municipal de educação e da escola, que muitas vezes exigiam que os professores exercessem funções além do que lhe era devido. As bolsistas também relataram o impacto desses encontros e sua contribuição positiva para a sua formação, por possibilitar reconhecer e vislumbrar de perto

profissionais da educação lutando por seus direitos e exercendo sua profissão com total dedicação, excelência e amor. No final da roda de conversa, os demais participantes foram convidados a participar, tirar dúvidas, sugerir, ou trazer seus relatos pessoais. Neste espaço, surgiram diversos relatos tanto no lugar de estudante como de pais nesse período de pandemia. Para além da Educação Básica, a roda de conversa também possibilitou a reflexão sobre a importância da escuta no espaço da universidade, principalmente no período atual em que a pandemia de COVID-19 tem despertado um sofrimento significativo.

ATRAVESSAR, HABITAR, ESCREVER E DANÇAR: PRATICAR A PRESENÇA EM MEIOS VIRTUAIS

Priscilla Menezes

Adrienne Ogêda

André Bocchetti

A roda de conversa Atravessar, habitar, escrever e dançar: praticar a presença em meios virtuais voltou-se para a partilha das experiências desenvolvidas em três projetos de extensão da UNIRIO. São eles: Escritas que Dançam, Corpos que Escrevem, um curso de extensão interessado em processos de (re)criação de si a partir da experimentação corporal e dos diversos modos de produzir textualidades, centrado no estabelecimento de um percurso que se delinea a partir de convites vivenciais envolvendo o movimento e a escritura (denominados “exercícios de corpo-escrita”). O Habitar-se, ação ligada ao projeto Corpo, arte e natureza, que consiste na promoção de encontros abertos ao público interessado com profissionais, pesquisadoras e pesquisadores do campo das artes e da corporeidade, que conduzem durante uma hora e meia uma proposta corporal, garantindo um espaço-tempo de cuidado de si e de experimentações sensíveis e o Pensar e criar com o que atravessa, um grupo de estudos e experimentações poéticas que se pauta na aposta de que a arte, para além de uma disciplina ou um conjunto de conteúdos e procedimentos, é também uma estratégia metodológica para acessar saberes diversos e explorar temas emergentes. Em comum, além da efervescente troca cultivada pelos professores coordenadores, detectamos como mobilizador das ações o desejo de explorar as possibilidades de mover, criar e construir estados de presença em meio aos desafios da virtualidade. Mais do que respostas, em nossa roda de conversa, multiplicamos questionamentos: em tempos de despotencialização dos corpos, de precarização da vida social e afetiva e da lida com instabilidades e perplexidades, o que pode a universidade e suas ramificações de extensão promover que nos possibilite espaços de encontro, com o outro e conosco? De que forma tais espaços podem mobilizar potências, forças, ativar resistências, ampliar compreensões que nos auxiliem nas travessias? Do que falamos quando argumentamos em favor do “estar presente” nos dias de hoje? Como essa presença se expressa ante as telas e o distanciamento social até aqui tão necessário? Como as forças afetivas produzidas em grupo podem colaborar em favor dessa presença? Reflexões e relatos em torno dessas questões foram o centro de nosso encontro.

“DATA IS MONEY!” - UM OLHAR MÍDIA ECOLÓGICO SOBRE O PAPEL DA ESCOLA FRENTE ÀS NOVAS TECNOLOGIAS

Cleiton Felix

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

O trabalho aqui apresentado faz parte de uma pesquisa de mestrado que visa compreender de que forma a escola está sendo repensada em relação à perspectiva da tecnologia. O tema se apresenta como relevante porque vivemos em uma sociedade cada vez mais dependente de novas tecnologias e que tem um estranhamento crescente com a didática muitas vezes ainda enraizada em paradigmas típicos do ambiente tipográfico que se pratica em nossas escolas. Colabora para esse cenário, não podemos esquecer, o ensino remoto emergencial que fomos obrigados a adotar a partir de Março de 2020 diante da pandemia causada pelo Coronavírus e piorada pela falta de capacidade de resposta dos atuais governantes. Se antes a escola tinha dificuldades para se reinventar, com a pandemia não lhe restou outra saída além disso. Por meio das tecnologias digitais, em pouco mais de um ano, profissionais da educação foram obrigados a rever suas práticas para envolver a tecnologia a fim de alcançar os estudantes. No cenário atual da tecnologia, a grande novidade é a Inteligência Artificial e também os algoritmos. Usando a definição de Boden (2020), a IA é uma tecnologia que busca preparar os computadores para realizar tarefas que antes se pensava serem exclusivas da mente humana. Ela faz isso por meio de algoritmos e formas de treinamento para esses algoritmos cada vez mais complexas. Foi feito um estudo bibliográfico das produções de pesquisadores de diversos campos sobre a influência dos algoritmos e da Inteligência Artificial na sociedade. A hipótese é que, conhecendo os ganhos e os desafios alcançados em outras áreas da sociedade, estaremos melhor preparados para participar da discussão que inevitavelmente virá não acerca da adoção ou não dessas tecnologias, mas da forma como elas serão utilizadas. Entendemos que a tecnologia é uma forma de conhecimento, assim como uma forma de intervir no mundo. Dessa forma, avançaria dialeticamente junto com a ciência, vista como uma forma de compreender o mundo. Sob essa perspectiva, a tecnologia não pode nunca ser neutra, já que ela carrega as visões de mundo e a visão daquilo que deveria ser o futuro dos seus criadores. Apesar de oferecer diversas possibilidades de avanço e melhoria para a humanidade, concluímos que existem também implicações sérias que precisam ser discutidas profundamente e com cautela em relação a questões como racismo algorítmico, opacidade e propriedade que precisamos compreender antes de levar as plataformas e programas utilizados durante o ensino remoto emergencial para o ensino regular pós-pandemia.

Palavras-chave: Didática, Tecnologia, Inteligência Artificial, Algoritmos.

BNCC: IMPLEMENTAÇÃO DO CURRÍCULO DE HISTÓRIA E A DISCRICIONARIEDADE DOS AGENTES IMPLEMENTADORES

*Deisilucy Sequeira
Unirio*

Este estudo visa abordar uma pesquisa sobre a implementação da Base Nacional Comum Curricular no currículo de História em duas escolas da rede municipal do RJ, nos anos finais do ensino fundamental, procurando investigar o alinhamento curricular da SME/RJ às prerrogativas da política, fazendo uma análise dos arranjos institucionais. Busca, também investigar a atuação dos agentes implementadores, visando analisar a reinterpretação desses currículos na escola e o que motiva os agentes a fazerem esta escolha curricular e como isto, poderá impactar a implementação da política. Assim, esta pesquisa dialoga com os estudos sobre a políticas educacionais, utilizando conceitos básicos do campo de implementação de políticas públicas, pretendendo mostrar um potencial analítico que possa avançar na ideia de que as políticas possuem objetivos planejados que nem sempre alcançam os resultados esperados. É possível ver que dentro dos referenciais teóricos da Ciência Política, temos diferentes fases como agenda, formulação, implementação e avaliação, do qual sabemos hoje que são etapas cujo desenvolvimento tem seus processos entrelaçados. Importante dizer que este estudo se debruça sobre a fase de implementação desta política curricular, que acontece em diferentes níveis e camadas burocráticas de implementação, assim como, através de diferentes formas de atuação dos agentes implementadores e suas estratégias na escolha do currículo de História. Desta forma, pretende-se demonstrar que o efeito da interação e da discricionariedade dos agentes poderá ser variável e, não ocorrer como previsto no texto da política. Para isso, o conceito de discricionariedade ganha foco nesse aspecto. Para contribuir no aprofundamento da discussão sobre o tipo de implementação no caso estudado, é trazida a este estudo a teoria organizacional que elaborou um modelo de análise de implementação de políticas públicas baseado em dois conceitos: conflito e ambiguidade. Será realizada uma pesquisa qualitativa, através de análises documentais e entrevistas semiestruturadas com os agentes implementadores que fazem parte das burocracias envolvidas. Ainda em fase de desenvolvimento, após a leitura dos referenciais teóricos e do levantamento bibliográfico esta pesquisa se encontra no período de levantamento do campo. Como conclusões parciais, constata-se que a atuação dos agentes implementadores pode impactar sobre a escolha curricular, desenvolvendo diferenciadas formas de aprendizagens e de conteúdos, que podem gerar efeitos diferentes dos previstos na formulação da política.

Palavras-chave: BNCC; Implementação de políticas educacionais; Discricionariedade dos agentes.

ORIENTADOR EDUCACIONAL E DEFICIÊNCIAS: IMPLEMENTAÇÃO DE POLÍTICAS PÚBLICAS DE INCLUSÃO

Izabel Cristina de Souza

UNIRIO

Orientadora: Ana Cristina Prado de Oliveira

UNIRIO

Este trabalho apresenta o recorte de uma dissertação em andamento, construída no escopo do Grupo de Pesquisa Políticas, Gestão e Financiamento da Educação (POGEFE). O objetivo desta apresentação é analisar o papel atribuído ao orientador educacional na implementação das políticas públicas direcionadas aos estudantes com deficiência, dando destaque à ação deste profissional no processo de inserção dos estudantes no Atendimento Educacional Especializado (AEE) em duas escolas municipais de Queimados/RJ. A metodologia desenvolvida contou com a pesquisa e análise de documentos sobre Educação Especial nos âmbitos nacional e municipal e entrevistas com diretores, orientadores educacionais, orientadores pedagógicos, professores da sala de recursos multifuncionais (SRM) e coordenador de Educação Especial da Secretaria Municipal de Educação (SEMED Queimados). As conclusões parciais deste estudo indicam que, tal como previsto na Deliberação 17 do Conselho Municipal de Educação (CME), o orientador educacional tem papel crucial no direcionamento do estudante com deficiência para o AEE, seja na SRM ou no Centro de Atendimento Educacional Especializado de Queimados (CAEEQ). Os participantes afirmaram que, assim que um estudante com deficiência é matriculado, independentemente de haver laudo médico ou não, o orientador educacional e outros atores escolares já analisam o caso, conversam com a família e podem incluí-lo de antemão na SRM da escola, entendendo que será melhor para a aprendizagem dele. Essa inclusão prévia já envolve a discricionariedade, ou seja, tomada de decisão por parte do orientador educacional com outros profissionais da escola. Após o estudante ser avaliado pela equipe da escola, seja no início ou no decorrer do ano letivo, o orientador educacional tem a atribuição de reunir elementos para preencher uma ficha e encaminhar o caso para a equipe de Educação Especial da SEMED, que faz uma segunda avaliação com este estudante. Isso indica que há um exercício de discricionariedade do orientador educacional, com o suporte dos demais atores escolares, sobre encaminhar ou não o estudante para o AEE. Este processo pode ser atravessado por vários fatores, inclusive os julgamentos morais e estigmas sobre o estudante em questão e sua família, que podem excluir o estudante da oportunidade de acessar esses dispositivos. Entretanto, a discricionariedade exercida pelo orientador educacional neste sentido ainda é perpassada pela análise da equipe da SEMED, que pode anular a decisão de inclusão no AEE antes indicada pela equipe escolar e dar outro destino ao estudante. As participantes narraram que este processo não acontece de modo passivo, já que a equipe escolar pode criar meios de continuar inserindo na SRM os estudantes não direcionados pela SEMED.

ÚLTIMO ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL: UM CONTEXTO DE DESIGUALDADES

Juliana Ferro da Silva
UNIRIO

A constituição federal de 1988 promoveu uma série de medidas que contribuíram para fortalecer o entendimento da educação como necessária para a sociedade (SILVA, 2016). Entendendo o direito a educação como garantir de forma concomitante acesso, permanência e aprendizagem. Para entender como essa concepção tem impactado o 9º ano esse trabalho se propõe a pensar os três pilares de garantia do direito a educação utilizando dos últimos dados educacionais disponibilizados no país. O acesso seria a possibilidade de que todo o aluno em idade escolar tivesse garantida a sua entrada em uma instituição de ensino, conquista quase universalizada ao longo dos últimos anos com a maior participação dos municípios na oferta de vagas para o ensino fundamental. Os dados de acesso estão em uma crescente há pelo menos 8 anos para alunos de 6 a 14 anos atingindo 99,7% em 2019, fruto de políticas voltadas à oferta de vagas (TODOS PELA EDUCAÇÃO, 2020). Pensando em permanência foram observados os dados de transição 2017-2018 em que o 9º ano tem maior taxa de evasão do ensino fundamental (7,8%). Observando dados de 2020, é possível perceber que a cada final de ciclo 11/13 estudantes interrompem os estudos (TODOS PELA EDUCAÇÃO). Quando olhamos a aprendizagem, os números chamam atenção quando apenas 34% dos concluintes do 9º ano em 2017 aprenderam o adequado em português e 15% do adequado em matemática. Observando o NSE mais baixo esses números caem para 21,3% em português e 8,8% para matemática. No 9º ano no que se refere à permanência, além dos dados sobre a evasão já citados, destacam-se as informações sobre a repetência. Ainda sobre os dados de 2017/2018 a repetência aparece expressiva no 9º ano, ainda que não seja a maior taxa de reprovação da educação básica (7,9%). Em 2019, os dados de TDI (taxa de distorção idade-série) no 9º ano chegaram a uma proporção de a cada 100 alunos, 24 possuem atraso de dois ou mais anos. O 9º ano não representa a maior taxa de reprovação e tão pouco de distorção idade-série, o que traz a reflexão de que o 9º ano pode representar uma taxa de evasão expressiva por ser o ano em que, por conta do afunilamento ocorrido em todo processo escolar, alguns alunos não se veem motivados a continuar essa trajetória e evadem. É necessário, portanto, pensar também que após momentos de crise a probabilidade de continuidade escolar diminui em 30%, o que pode ocorrer como consequência da Pandemia da Covid-19 enfrentada no mundo inteiro em 2020. “O surto de Ebola na Guiné, entre 2013 e 2016, elevou em 15% a evasão escolar” (TODOS PELA EDUCAÇÃO, 2020, p.15). A consequência da pandemia da Covid-19 para os dados educacionais nos próximos anos pode se acumular a alguns dados já preocupantes.

MODELO

*Gabriela Barreto da Silva Scramingnon
gabrielabasil@gmail.com*

*Maria Nazareth de Souza Salutto de Mattos
nazarethssalutto@gmail.com*

A proposta da mesa redonda foi possibilitar a troca de experiências em relação ao estágio supervisionado de Educação Infantil em três universidades públicas do estado do Rio de Janeiro, com a participação das professoras: Marina Pereira de Castro e Souza - Faculdade de Educação da Baixada Fluminense (UERJ); Maria Nazareth de Souza Salutto de Mattos Universidade Federal Fluminense (UFF) – Maria Fernanda Rezende Nunes e Gabriela Barreto da Silva Scramingnon, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Com intuito de conhecer as vivências dos estágios, ouvimos o relato da estudante

CONTEXTUALIZANDO O PROGRAMA SAÚDE NA ESCOLA, PSE CARIOCA: POLÍTICA INTERSETORIAL DE SAÚDE INTEGRAL E EDUCAÇÃO INTEGRAL

*Mônica dos Santos Melo
SME/ RJ*

O Programa Saúde na Escola foi instituído pelo Ministério da Educação -MEC no ano de 2007 - DECRETO Nº 6.286, de 5 de dezembro, com vistas a intensificar a proposta de melhoria da qualidade de vida da população brasileira e nesse viés aborda em um de seus objetivos, a contribuição para a constituição de condições para a formação integral de educandos. Em 2015 a Resolução conjunta SEGOV/SMS/SME/SMDS nº 01 de 06 de fevereiro, institui as diretrizes do PSE Carioca, a saber: política intersetorial da Saúde e da Educação, com vistas a promover Saúde e Educação integral às crianças, adolescentes, jovens e adultos da educação pública. O PSE Carioca avança, integrando também a Assistência Social, na perspectiva de um cuidado integral, como eixo orientador das práticas de saúde-educação. O mundo tem enfrentado uma das piores crises de sua história consequente à pandemia da COVID-19 decretada pela OMS em 11 de março de 2020. A UNESCO apontou em maio de 2020 que 90% da população estudantil no mundo foi afetada pela pandemia de COVID-19, com o fechamento das escolas em mais de 190 países afetando mais de 1,5 bilhão de jovens e crianças no mundo. No Brasil, o acesso ao ensino remoto em sua maioria está restrito aos estudantes da rede privada de ensino, reforçando o aspecto da desigualdade social exacerbada pela pandemia. Dentre os organismos internacionais que têm elaborado orientações nesse sentido destacamos a OMS, o CDC/USA, a UNICEF e a UNESCO, que apontam a necessidade de planejamento escolar local e engajamento comunitário como fundamentais para o retorno seguro, para além das medidas preventivas não farmacológicas. Neste sentido, o presente projeto foi elaborado para apoiar as estratégias de planejamento e ações intersetoriais, em diferentes dimensões que incluem aspectos do processo saúde-doença na perspectiva de uma educação integral e da influência da gestão escolar nesse cenário. Na dimensão de ação local em escolas da Rede municipal de ensino do Rio de Janeiro, o projeto visa, a partir de instrumentos de monitoramento e de (in) formação por meio de Comitês Locais de Saúde e Ambiente Escolar (CLSAEs), cujo gestor escolar é um dos membros, minimizar os riscos de transmissão da COVID-19 na comunidade escolar e seus contatos, envolvendo ações de gestão. Trata-se de projeto de pesquisa descritiva em abordagem quali-quantitativa, com membros da Rede Pública Municipal de Ensino do Rio de Janeiro. Utilizaremos dados secundários, compilados e anonimizados sobre casos suspeitos e confirmados de COVID-19 nas unidades escolares e creches, fornecidos pela Secretaria Municipal de Educação (SME). Realizaremos, ainda, avaliação da percepção dos membros das comunidades escolares sobre as estratégias adotadas por meio de rodas dialógicas e da aplicação de questionários e entrevistas. Vários estudos sobre gestão escolar mostram que, embora não haja uma unanimidade sobre os fatores escolares e extraescolares que

contribuem para a qualidade da educação, alguns aspectos comuns podem ser destacados, dentre eles, a liderança do diretor (MAUREIRA, 2006).

Palavras- chave: Educação Integral, Saúde Integral, Gestão, COVID 19.

OFICINA - USOS E ABUSOS DE VIDEOAULAS DO YOUTUBE

Andréa Thees
UNIRIO/DID

Tarliz Liao
UNIRIO/DID

Atualmente, a rede social YouTube vem proporcionando mais do que apenas entretenimento, motivo pelo qual os usos e abusos de videoaulas disponíveis na plataforma foi tema dessa oficina. O YouTube pode ser entendido como uma ferramenta de aprendizagem, que agrega estudantes dos mais variados ambientes e níveis educacionais. Mas, para isso, algumas práticas precisariam ser debatidas. Nosso objetivo nessa oficina foi apresentar e discutir, dentro de uma carga horária de 2h, algumas práticas letivas envolvendo vídeos e videoaulas do YouTube. A oficina foi realizada pela professora Andréa Thees, sendo mediada pelo professor Tarliz Liao, no dia 19 de maio de 2021. Como metodologia da oficina, iniciamos com a apresentação de uma parte teórica, tendo como premissa romper com antigos sistemas de aprendizagem, o que parece ser um dos desafios educacionais do século XXI. Consideramos estar presenciando a cada dia mais e mais professores ansiosos em integrar as tecnologias às práticas pedagógicas, buscando inovar o processo de ensino e aprendizagem, sem que essas tentativas de inovação se transformem em apenas mais um modismo. Em contrapartida, a maioria dos sujeitos que frequentam a educação regular atualmente, pertence a uma geração que nunca viveu sem celulares, tablets ou computadores pessoais e, conseqüentemente, sem acesso à internet. A chamada Geração Millenium possui hábitos peculiares e esse coletivo de nativos digitais, muito provavelmente, está tentando nos indicar que as instituições escolares precisam repensar suas estratégias de ensino e seus modos de atuar. Nesse cenário, temos o Google e o YouTube como as duas páginas mais acessadas no Brasil e no mundo, dando origem à denominação Geração Google-YouTube (THEES, 2019), que costuma acessar a internet em seus celulares e navegar em ambos, ao mesmo tempo em que assistem aulas. Vemos essa atitude como um sinal da necessidade crescente de se considerar o processo de aprendizagem dentro de uma perspectiva dinâmica e interativa que incentive os estudantes de qualquer segmento a fazer perguntas e trabalhar com os colegas e os professores, sem a necessidade do contato presencial. Embasados em duas teorias de aprendizagem, a TCAM (Mayer, 2009) e a TACO (Harasim, 2015), propusemos um ajuste no ambiente de aprendizagem, permitindo uma combinação de materiais tradicionais como cadernos e livros, de tecnologias digitais com acesso à internet e de todo contato humano disponível. Consideramos o YouTube uma ferramenta cultural, a qual pode ser entendida pelos professores como promotora da aprendizagem dos alunos em todos os níveis de escolaridade. Seus vídeos poderiam ser incorporados em atividades pedagógicas, desde que se realize o planejamento da aula, com seus objetivos, de forma a não perder o foco do conteúdo a ser ensinado. Na oficina, após apresentar o referencial teórico, apresentamos

alguns modos de iniciar e finalizar aulas centrados tanto no professor quanto nos estudantes, utilizando vídeos e videoaulas disponíveis gratuitamente nos canais do YouTube.

Cartaz de divulgação:



Fonte: Autoria nossa (2021)

Referências:

HARASIM, Linda. Educação online e as implicações da inteligência artificial. Revista da FAEEBA – Educação e Contemporaneidade, Salvador, v. 24, n. 44, p. 25-39, jul./dez. 2015

MAYER, Richard. *Multimedia Learning*, 2008.

THEES, Andréa. “Aprendi no YouTube!”: investigação sobre estudar matemática com videoaulas. Tese de Doutorado em Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. 2019. 260 p.

MESA REDONDA: AÇÕES COLABORATIVAS NA FORMAÇÃO MATEMÁTICA PARA A DOCÊNCIA NO ENSINO FUNDAMENTAL

Ana Maria Carneiro Abrahão

UNIRIO/CCH/DID/EDMAT – CEDERJ/CECERJ – Projeto Fundão/UFRJ

O EDMAT é um grupo de estudos e pesquisas em Educação Matemática, sediado na Unirio desde 2012 e certificado pela CAPES em 2015. Um dos projetos desenvolvidos pelo EDMAT, cujos encontros acontecem semanalmente, tem foco na investigação de diferentes ambientes de aprendizagem matemática que acontecem nas salas de aula do Ensino Fundamental (EF), particularmente nos Anos Iniciais. O objetivo desse trabalho é apresentar como o EDMAT tem se tornado um espaço de estudo colaborativo no qual participam pesquisadores da Unirio tanto da Pedagogia quanto da Matemática, bem como pesquisadores de outras instituições de formação docente, professores da escola básica e estudantes de licenciatura, bolsistas e voluntários, todos buscando aprofundar sua educação em Matemática. Nossa metodologia de estudo tem foco na análise de ambientes de aprendizagem matemática que trazem as dificuldades dos alunos em aprender e dos professores em ensinar os diversos conteúdos curriculares dos Anos Iniciais. Atualmente estamos retomando publicações resultantes de pesquisas realizadas com o ensino e a aprendizagem dos Números Racionais, ampliando nossas ações de estudo sobre esse conteúdo curricular e paralelamente, procurando atender a uma demanda do Projeto Urca, um projeto de extensão da Unirio em parceria com o Projeto Fundão, voltado para a formação continuada de professores. Com esse novo desafio, o EDMAT tem intensificado estudos sobre as habilidades presentes na BNCC e que se referem ao aprendizado dos Números Racionais, bem como ao que as pesquisas apontam como caminhos para organização de atividades significativas desde o 2º. ano do EF. Dentre as instituições participativas desse estudo estão professores representantes da Unirio-Matemática; Unirio-Pedagogia; Colégio Pedro II - Anos Iniciais; Polo Miguel Pereira/Cederj/Cecierj; Instituto Nacional de Educação de Surdos /INES e Projeto Fundão – Matemática/UFRJ. Os resultados desse trabalho colaborativo mostram olhares distintos sobre problemas comuns, bem como apoio, interação e colaboração entre estudantes, professores e formadores de professores. Essa colaboração profissional e acadêmica se reflete na compreensão dos problemas que usualmente são vivenciados no ambiente escolar. Métodos e soluções são trabalhados coletivamente e evidenciam um avanço no processo de formação continuada e de formação regular dos participantes do EDMAT. Parte desse envolvimento colaborativo pode ser observado nas produções de estudo e pesquisa da equipe EDMAT e mostram-se como eficazes no fortalecimento da formação matemática para a docência no Ensino Fundamental.

A MATEMÁTICA NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL: AVERSÃO, DESAFIOS E FORMAÇÃO DE PROFESSORES

*Ingrid Lane dos Anjo Galvão
UNIRIO/ CEDERJ; EDMAT*

O presente trabalho objetiva refletir sobre questões desenvolvidas em sala de aula para enfrentar os desafios, apresentados tanto pelos alunos quanto pelos professores em formação ou que já atuam nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Um desses desafios é rever uma formação docente que influencie a natureza e a qualidade das práticas de ensino. Ao atuar em sala de aula, frequentemente esse professor ministra todas as disciplinas, inclusive a Matemática, apesar de muitos docentes possuírem aversão à mesma e, devido a esse fato, escolherem o curso de Pedagogia achando que não teriam mais de se deparar com os conteúdos matemáticos em sua formação. Nossa metodologia foi desenvolvida com alunos da Graduação em Pedagogia das disciplinas de Educação Matemática I e II da UNIRIO/CEDERJ, buscando discutir sobre a importância da formação continuada e metodologias significativas em salas de aula, onde é utilizado o livro: A matemática nos anos iniciais do ensino fundamental: práticas em sala de aula, de formação de professores. Coleção SBEM. Diante disso, discutimos primeiramente com os graduandos da disciplina Matemática na Educação I e II da UNIRIO/CEDERJ sobre as dificuldades enfrentadas pelos mesmos, buscando caminhos para um ensino e aprendizado significativo. Antes de iniciar com as oficinas fizemos algumas leituras e através de reflexões teóricas com base no livro mencionado acima procurou-se fazer um trabalho paralelo com os alunos da Educação Básica num período de seis meses, levando em consideração a realidade de cada localidade e público-alvo. Os relatos de experiência foram expostos pelos próprios alunos envolvidos no projeto, na Semana Acadêmica realizada no polo de Miguel Pereira para os graduandos e professores da instituição escolar presente. Podemos concluir, diante do exposto, que não há uma metodologia única e que as atividades realizadas fora de sala de aula e em equipe, podem proporcionar perceptível interação e excelentes resultados, não apenas para os alunos, mas para todos os envolvidos nesse processo. Os professores e graduandos, presentes nos relatos realizados na Semana Acadêmica do Polo, registraram o quanto foi importante compartilhar diferentes vivências e ter a oportunidade de ver, na prática, como trabalhar de forma diferenciada com os alunos sem ficar focado no ensino tradicional. Os mesmos tiveram a oportunidade de ouvir depoimentos dos alunos sobre o quanto foi prazeroso aprender Matemática dessa forma e como enfrentaram os seus traumas com a disciplina.

OFICINA DE MATEMÁTICA E A CONSTRUÇÃO DE CONHECIMENTOS NUMÉRICOS: USO DE JOGOS E MATERIAIS MANIPULÁVEIS EM UMA PERSPECTIVA INCLUSIVA DE ENSINO

*Silene Pereira Madalena
INES; Projeto Fundão*

A Matemática utiliza linguagem específica o que inclui diferentes símbolos e sistemas de representação. A apropriação desse conhecimento costuma ser uma tarefa complexa para os estudantes dos Anos Iniciais, demandando recursos e ferramentas didáticas que possam auxiliá-los ao longo desse processo. Pesquisadores da área têm mostrado que os jogos e os materiais manipuláveis podem mediar essa aprendizagem, favorecendo a introdução, desenvolvimento e fixação de conceitos, bem como o estabelecimento de relações lógicas. Assim, o relato a que esse trabalho se propõe, objetiva o compartilhamento da experiência com esses recursos ao longo dos vinte anos em que estive à frente da Oficina de Matemática do SEF 1 do INES – Setor de Ensino Fundamental do primeiro segmento do Instituto Nacional de Educação de Surdos. Nossa metodologia considera a Oficina um espaço pedagógico de construção de saberes para alunos surdos e professores desse segmento de ensino, visto que possibilita aos professores regentes, que acompanham suas turmas nos encontros semanais da Oficina, um processo contínuo de formação e de troca. Assim, atentos ao percurso que os alunos faziam na construção de conhecimentos numéricos, formamos um acervo com os jogos que se mostraram mais produtivos para esse processo de ensino aprendizagem. O mesmo ocorreu com relação ao uso de materiais estruturados especificamente para o trabalho nessa área de conhecimento, como por exemplo Material Dourado e as Réguas de Cuisenaire, e com materiais de uso cotidiano, como palitos de sorvete e de tampinhas de garrafa Pet colecionadas pelos alunos. Os resultados desse trabalho evidenciaram que os jogos e os materiais manipuláveis não representam conteúdos matemáticos em si, mas, sim, favorecem a socialização entre os alunos com diferentes níveis de habilidade, desempenho e proficiência linguística. O estudo demonstrou ainda, como a conscientização do trabalho em equipe estimula a motivação e a participação ativa dos estudantes na construção do seu próprio conhecimento. As observações e reflexões acerca do processo de aprendizagem de estudantes surdos nos mostra que o mesmo pode ocorrer em ambientes inclusivos de ensino com alunos ouvintes que apresentem dificuldades e/ou transtornos de aprendizagem. Desde que respeitadas as limitações e valorizadas as potencialidades de cada um dos alunos, o uso de jogos e materiais manipuláveis pode apresentar bons resultados em relação à aprendizagem de conteúdos e habilidades numéricas, estimulando, de maneira prazerosa e significativa, o pensar matemático em cada um deles.

UM PROCESSO DESAFIADOR: A RELAÇÃO ENSINO/APRENDIZAGEM DO NÚMERO FRACIONÁRIO NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

*Silvana Pires Mandarino
Colégio Pedro II; Projeto Fundão; EDMAT*

Esta conversa lança luz em antigas discussões que destacam desafios relacionados ao processo ensino/aprendizagem dos números racionais. Apesar de apontado em muitas pesquisas como um conteúdo complexo, o ensino dos racionais tem seu início formal - na forma fracionária - ainda nos anos iniciais do Ensino Fundamental (EF). Cabe aos professores deste segmento, nem sempre licenciados/especializados em Matemática, a responsabilidade de formalizar os primeiros conceitos associados aos racionais que, ao longo de toda a Educação Básica, irão se desdobrar em diferentes objetos de conhecimento e em aplicações dentro do contexto escolar e fora dele. Pensando nos desafios relacionados aos professores que ensinam Matemática nos Anos Iniciais, à luz de suas experiências, esta conversa traz como objetivo compreender e/ou identificar pontos que tornam desafiadores a introdução ao processo de ensino de frações. Ao buscar responder aos nossos objetivos foi traçada uma “costura” entre: relatos de experiência no ensino de Matemática nos anos iniciais e finais do EF; compartilhamento de experiências a partir de estudos em grupos de pesquisa com foco no ensino da Matemática nos Anos Iniciais: Projeto Fundão e EDMAT e um breve resumo dos resultados de uma pesquisa que se desdobrou na dissertação de mestrado profissional: “Fração: Um Novo Número, Um Novo Desafio - a introdução ao ensino de frações nos anos iniciais do ensino fundamental”. A estrutura para a construção deste trabalho traz um modelo de pesquisa descritiva, na qual buscou-se formular nova visão para uma discussão antiga sobre dificuldades e desafios relacionados à introdução ao ensino de frações, trazendo como público-alvo os professores que ensinam Matemática nos Anos Iniciais. A coleta de dados que se deu/se dá, em um processo contínuo, traz como recurso registros planejados ou incidentais de observações e relatos relacionados a dúvidas conceituais e à produção e uso de materiais didáticos. Para finalizar essa conversa, que lançou um olhar, sob o prisma do professor, para o “momento escolar” da introdução ao ensino de frações, destacamos alguns resultados. Um deles indica que é preciso compreender quais saberes são necessários para que o professor possa sentir-se seguro ao ensinar frações e outro aponta para a necessidade de haver nas escolas “espaços/momentos” de formação continuada. Alguns professores destacam, ainda, que novas estratégias de ensino precisam ser pensadas e experimentadas para tentar tornar mais tranquilo e prazeroso, tanto para professores quanto para alunos, o processo de introdução ao ensino das frações.

O ENSINO DE CONTAGEM/COMBINATÓRIA ATRAVÉS DE JOGOS DIGITAIS NO GEOGEBRA

Luzia da Costa Tonon Martarelli
UNIRIO- Departamento de Matemática/EDMAT

Esse texto relata um curso de formação continuada para professores da Educação Básica, realizado pelo projeto de Extensão URCA, a professores dos anos iniciais, anos finais e ensino médio. O objetivo foi promover práticas e discussões sobre situações de aula envolvendo contagem/combinatória para permitir uma formação horizontal, baseada no compartilhamento de saberes, ideias e práticas construídas pelos sujeitos formadores e cursistas em suas experiências docentes. A metodologia utilizada foi baseada em encontros síncronos uma vez por semana, durante quatro semanas consecutivas, onde compartilhamos as respostas anônimas dos participantes a formulário passado para eles com uma semana de antecedência, com problemas que envolviam contagem/combinatória, relacionados a um jogo digital no GeoGebra. Nestes encontros os participantes compartilharam suas ideias em relação às respostas uns dos outros, apontando falhas nas resoluções, e sugestões de como poderiam melhorá-la, ou como abordar este tema, caso fosse uma situação que vivenciavam na sua sala de aula. Além disso, durante a semana foram realizadas monitorias com alunos voluntários do projeto, para dar suporte aos participantes nas dúvidas dos problemas propostos e também foram disponibilizados, sempre após a apresentação das respostas dos participantes, videoaulas com explicações das atividades propostas. Os jogos utilizados na oficina foram o jogo da senha e o jogo Bicolorido, que podem ser encontrados em <https://www.geogebra.org/m/rjyuwp2j> e <https://www.geogebra.org/m/ggtjwwtr>. Os resultados alcançados indicaram muitas formas de visualizar o mesmo problema, o que enriqueceu os encontros de acordo com as respostas dos cursistas expressas no formulário de avaliação dado a cada encontro. Algumas respostas à pergunta: Cite um ponto forte do Encontro, indicaram como positivo a possibilidade de discutir e refletir sobre questões e particularmente resolução de problemas, o uso de jogos para estudar matemática, ensinar combinatória, incentivando o aluno a pensar, não precisando fórmulas prontas e a necessidade de ouvir mais os alunos. Essas respostas, entre outras, nos mostraram que é necessário cada vez mais um espaço de troca entre os professores, espaço para que estes possam trocar experiências vividas em sala de aula, que possam também aprender e passar seus conhecimentos com seus pares para termos uma educação diferenciada.

O MINISTÉRIO PÚBLICO E A REGULAMENTAÇÃO DA GESTÃO DEMOCRÁTICA NO PROCESSO SELETIVO DE DIRETORES ESCOLARES EM MUNICÍPIOS DA BAIXADA FLUMINENSE (RJ)

*Pamela Maria do Rosário Mota
Bruna Vicente dos Santos*

O presente trabalho pretende investigar os percursos da regulamentação da gestão democrática através do processo seletivo de diretores escolares nas cidades de Duque de Caxias e Nova Iguaçu, municípios da Baixada Fluminense, região metropolitana do estado do Rio de Janeiro, de forma a compreender como as produções dos textos legais se configuraram entre 2014 e 2017, tendo como ator político o Ministério Público do Estado do Rio de Janeiro. Por meio de uma pesquisa qualitativa em curso, expomos resultados parciais desenhados a partir de análise documental dos instrumentos extrajudiciais e judiciais expedidos pelo órgão e das legislações encontradas nos sites institucionais dos municípios em questão, tendo como nosso foco a seleção de diretores escolares e as ações delineadas por meio de duas promotorias especializadas: a Promotoria de Justiça de Tutela Coletiva de Proteção à Educação do núcleo de Duque de Caxias e a Promotoria de Justiça de Tutela Coletiva de Proteção à Educação do núcleo de Nova Iguaçu. A pesquisa é relevante, pois incide na construção de um cenário a respeito do cumprimento, pelas entidades federativas, da meta 19 do Plano Nacional de Educação de 2014, no que tange à gestão democrática, observando como contextos de influência (BOWE; BALL; GOLD, 1992; BALL, 1994) podem auxiliar no fomento de políticas educacionais mais participativas dos usuários da política, tendo em vista a eleição dos diretores. Lima (1998) aponta que a eleição dos gestores escolares pela comunidade escolar talvez não seja sinônimo de uma instituição democrática, mas promove expectativa para tanto, podendo os sujeitos que fazem parte dela possuírem vontade de participar ou não. Quando se pensa nessa participação, Lima (2014) indica, ainda, que “o poder de decidir, participando democraticamente e com os outros, nos respectivos processos de tomada das decisões, representa o âmago da democracia” (p. 1072). Notamos que antes da intervenção do órgão, a partir de 2014, a direção escolar nos municípios caxiense e iguaçuano era decorrente de indicação político-partidária, cujo personalismo do governante pode exercer forte influência (MENDONÇA, 2001) e, através de negociações clientelísticas, a escola pode se tornar espaço de barganha. Nesse viés, compreendemos o Ministério Público do Rio de Janeiro como contexto de influência (BALL; MAGUIRE; BRAUN, 2016) a catalisar políticas educacionais, implicando ações relacionadas a normativas que pautem o processo de escolha de gestores de escola sob o enfoque da gestão democrática.

PALAVRAS-CHAVE: Gestão democrática; Processo seletivo de diretores escolares; Ministério Público do estado do Rio de Janeiro

PRÁTICAS MUSEAIS E SOCIOEDUCAÇÃO

Andréa Martello
Lucia de Freitas Perez
Samia Jraige
Luiz Claudio Rodrigues Torres
Laura de Sousa Ferreira Brito

Desde 2018 o projeto de extensão ***Em nome do sujeito: encontros de psicanálise, educação, literatura e artes*** (Proex/Unirio) colabora com o programa ***Eu apoio a voz do adolescente***, do setor de Psicologia da Vara de Execução de Medidas Socioeducativas (VEMSE-TJ/RJ) em visitas mediadas em alguns museus da cidade do Rio de Janeiro com jovens em cumprimento de medidas socioeducativas. Os efeitos desta prática marcaram a todos os participantes do projeto e esta roda possibilitou uma troca de experiências e boas reflexões. Aproveitamos o tema da Semana de Educação, 100 anos de nascimento de Paulo Freire, para articular a experiência à luz de seu pensamento. Partindo da provocação de como um museu pode contribuir para a socioeducação, foi apresentado um breve contexto histórico sobre as mudanças nas concepções de museu (VARINE-BOHAN, 1972). A ideia de museu tradicional ainda está muito associada à exposição de uma história oficial e de “verdades” que reforçam o poder já instituído. Percebemos, assim, a dificuldade de determinados grupos estarem presentes nesses espaços ainda hoje. Em paralelo, diversas percepções sociais do papel dos museus passam a entrar em disputa, e diferentes públicos passam a interferir em sua dinâmica. Considerando os fatores socioeconômicos dos jovens que entram no sistema socioeducativo temos a medida da injustiça social que condiciona em grande medida os atos infracionais praticados. Pensando os museus enquanto lugares de memória e o apagamento da memória enquanto prática racista, a presença dos adolescentes da socioeducação se mostrou de extrema importância para fomentar essa mudança. O projeto desta forma sustentava um lugar para os jovens atuarem como contrapontos, como resistências e até mesmo como subversões ao público “normal” desses espaços. Registra-se o fato de que a mudança de perspectiva do lugar social do museu se realiza antes de tudo na prática dos educadores museais, a partir da apropriação do espaço museal e da construção de leituras críticas junto ao público, mais do que em políticas institucionais de ampliação do acesso. Intercalando trechos de Paulo Freire e o projeto, as principais obras utilizadas foram *Pedagogia do Oprimido* (1976/2019), *Educação e Mudança* (1979/2013) e *Pedagogia da Autonomia* (1996/2016), com intuito de relacionar alguns trechos destas obras com o trabalho educativo. Foi mencionado sobre como a proposta freiriana de uma educação libertária estava presente nas atividades do projeto. Nossa prática foi pautada nos ideais freirianos ao estimular uma dialogicidade e uma escuta ativa entre os colaboradores do projeto e os jovens e seus familiares para que “A Voz Adolescente” fosse evidenciada. Com essas práticas, a recepção e o tratamento eram acolhedores e humanizados tornando possível

a apropriação pelos jovens e seus acompanhantes dos bens culturais e históricos de sua cidade e assim de sua própria história.

Referências Bibliográficas:

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 71ªed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2019.

_____. **Educação e mudança**. [Recurso eletrônico]. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

_____. **Pedagogia da autonomia**. 53ª ed. Rio de Janeiro Paz e Terra, 2016.

VARINE-BOHAN, Hugues. **A Respeito da Mesa Redonda de Santiago do Chile (1972)**.

Disponível em:

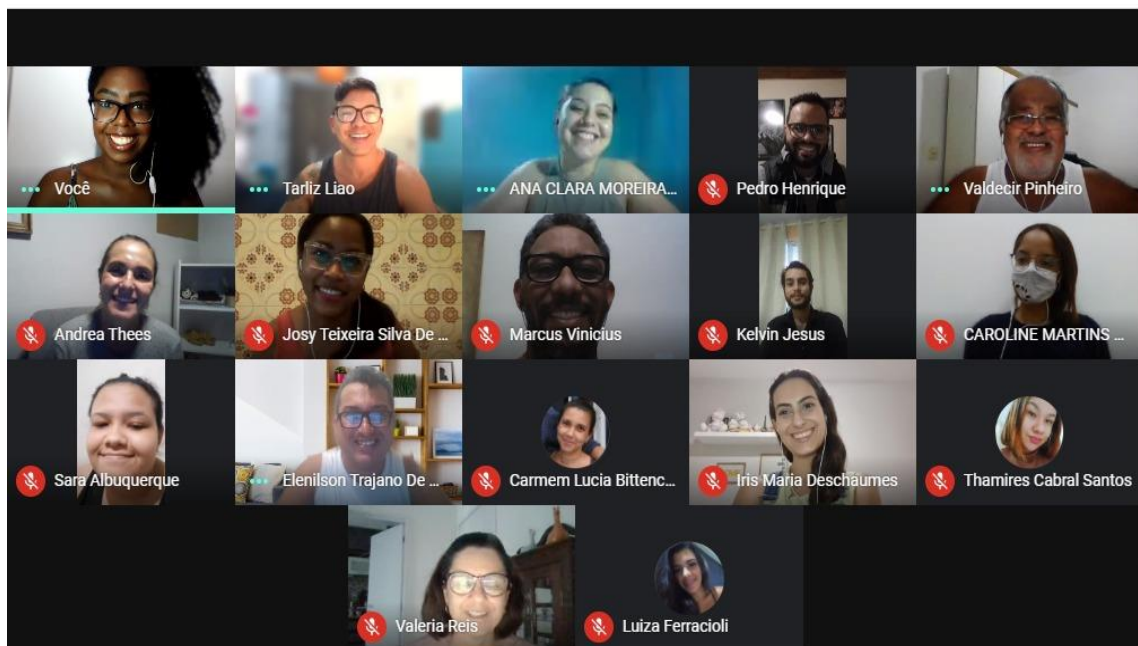
https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/3832560/mod_resource/content/1/HUGUES%20D%20VARINE.pdf. Acesso em 10/04/2021.

RELATO DA EXPERIÊNCIA NO SARAU (DE) MATEMÁTICA

Amanda Soares

Ana Clara Ventura

No dia 21/05/2021 das 15h às 17h realizou-se o Sarau (de) Matemática, que fez parte da programação da X Semana de Educação Tânia Mara Tavares da Silva. A proposta inicial do Sarau era de apresentar as produções pedagógicas dos alunos desenvolvidas no Seminário de Matemática (seminário 5 – departamento de didática) sob responsabilidade dos professores Andréa Thees e Tarliz Liao, e se expandiu para uma exposição aberta onde qualquer pessoa interessada na temática pudesse expor reflexões artísticas que se relacionasse de alguma forma com as diversas possibilidades matemáticas. Obtivemos 24 pessoas inscritas em nossa atividade e dentre elas, 10 pessoas ministraram apresentações enriquecedoras sobre a temática proposta. O Sarau foi iniciado com uma atividade de meditação e relaxamento corporal conduzido pela coordenadora da atividade, Ana Clara Ventura. Em seguida iniciaram-se as apresentações com o professor Tarliz, que explicou sobre a métrica e percentuais que uma escrita de Romance deve obedecer para ser bem sucedida e disponibilizou um exemplar do livro escrito por ele para ser sorteado ao final da atividade. A segunda apresentação foi ministrada por Josy Teixeira, que cantou uma paródia que fazia correlação com a matemática de autoria de Sidcley Caldas, do perfil @eucantomatemática no Instagram. A terceira apresentação foi ministrada pela professora Andréa Thees, que indicou o livro “A Matemática do Amor” de Hannah Fry. A quarta apresentação foi ministrada por Íris Deschaumes, que fez uma correlação do livro “Alice no país das maravilhas”, com o ensino de matemática para crianças. A quinta apresentação foi ministrada pela Caroline Martins, que leu um poema. A sexta apresentação foi ministrada por Valdecir da Silva, que apresentou a música “Aula de Matemática” do Tom Jobim. A sétima apresentação foi ministrada por Ana Clara Ventura, que apresentou exemplos de Artes Matematizadas, como pinturas, desenhos e quadrinhos que se utilizam do Número de Ouro. A oitava apresentação foi ministrada por Bernardo Nort, que apresentou uma proposta de Matemática com Artes elaborada para crianças. A nona apresentação foi ministrada pelo Elenilson Trajano, que apresentou sobre multidisciplinaridade. E por último, tivemos a apresentação do Marcus Vinicius Pereira, que apresentou um aplicativo informatizado que auxilia a construir desenhos com régua que eram utilizadas na década de 70/80.



Sarau (de) matemática ^



Sarau (de) matemática ^



Lev

CODINOME AQUALTUNES: ESCRIVÊNCIAS PRETUGUESAS E EMPODERAMENTOS NO ESPAÇO ESCOLAR

Natalia de Moraes Romão da Silva

O objetivo da roda de conversa foi o de refletir com/sobre/nas influências de práticas antirracistas no espaço escolar estadual noturno, no CIEP 435 Helio Pellegrino, localizado em Campo Grande, na Zona Oeste do Rio de Janeiro. Através de uma educação que preconize as relações étnico-raciais e que inclua e privilegie a diversidade de manifestações culturais em sua prática. A fim de desenvolver este objetivo, nossa proposta é a de conhecer a africana escravizada Aqualtune, líder da batalha de Mbwila e, escravizada no Brasil, resistente no quilombo de Palmares. Assim, entendemos que a sua vida e a sua potência ancestral são importantes para compreendermos o papel das resistências femininas negras no Brasil. E surge uma questão emergencial: como colocar em prática tais ações, já que nos mantemos distantes, fisicamente, desse espaço de educação popular periférico. Através de práticas escritivas pretuguesas, das aulas-encontro, de imagens, de música e de poesia, propiciando aos participantes percepções acerca de suas construções identitárias, raciais e de gênero. Tendo como ferramentas pedagógicas mulheres negras, a fim de incutir nos participantes a importância de suas histórias para uma educação antirracista, antissexista e decolonial. Partindo da biografia inspiradora e pulsante de Aqualtune e trazendo para a roda outras mulheres negras com a escritora Conceição Evaristo e a potência e originalidade do pretuguês de Lélia Gonzales, e a poesia da afro-americana Maya Angelou. Além das interseções, narrativas outras e a influências das atividades de escrita feminina negra sobre as (re)leituras de suas subjetividades e autoestima geradas por ela. Passando pelas complexidades e atravessamentos de um espaço escolar enviesado pelos tempos pandêmicos. Um momento de reflexão, trocas, inquietações, inquietudes e a certeza de que necessitamos resistir, persistir e (re)conhecer os espaços escolares para além dos muros. Entendendo que é possível construir uma educação mais horizontal, solidária, igualitária, de modo a satisfazer as necessidades dos/das estudantes, a uma prática educativa em que educandos/as e educadores/as possam afinar seus sonhos, enfatizando compromisso para uma formação permanente, inacabada e plural.

O INIMIGO DO REI (1977-1988): ANARQUISMOS E IMPRENSA ALTERNATIVA, LUTA E RESISTÊNCIA EM TEMPOS ESCUROS

Dara Meana de Oliveira (Graduanda Pedagogia UNIRIO)

José Damiro de Moraes (Orientador)

Palavras-chave: Anarquista; Censura; Vigilância; Monitoramento; Educação; Imprensa Alternativa; Repressão Política; Pedagogia Libertária.

Tema

O jornal anarquista “O Inimigo do Rei” (1977-1988) integrou o grupo da Imprensa Alternativa. Por meio da prática de ação direta em atividades de propaganda e educação, sem separar os meios dos fins almejados, o coletivo germinou discursos de liberdade de pensamento e expressão durante a ditadura civil-militar. Na potência da revolução cotidiana criaram outras formas de organizações e relações sociais; autônomas, descentralizadas, de ação direta e auxílio mútuo, sem representantes nem hierarquias.

Objetivo

Preservar a memória social dessas vozes historicamente marginalizadas, realizar um paralelo e reflexão acerca das relações de poder e os mecanismos de dominação no contexto educacional atual frente ao Escola Sem Partido, “revisionismo” (ou negacionismo) histórico, militarização das escolas públicas e ataque a minorias.

Metodologia

De caráter documental, contou como fonte primária as edições do jornal “O Inimigo do Rei” (1977-1988) e os dossiês, informes, relatórios realizados pelos órgãos de vigilância, informação e repressão do Estado. Por se tratar de uma pesquisa qualitativa descritiva, para a investigação do jornal libertário e dos documentos oficiais foi seguida uma linha teórico-metodológica da nova história política, através do conceito de “história vista de baixo” desenvolvido pelo historiador E. P. Thompson (1924-1993).

Conclusões

É na potência da revolução cotidiana que militantes anarquistas (in)surgem e abrem um feixe de luz em meio ao blecaute, espaços de aprendizagem coletiva capazes de dar forma a um convívio social libertário. Adotar essa postura pedagógica somada a um compromisso ético-libertador de resistência na luta e defesa da liberdade frente ao autoritarismo, se mostra imprescindível hoje. No presente, esbarramos com retrocesso na afirmação da laicidade,

pluralismo e diversidade da escola pública em crescentes iniciativas de desmonte das estruturas democráticas nas tentativas de monitorar e censurar práticas docentes, anular o pensamento crítico nas escolas. A defesa de uma educação para além do capital, preocupada em desenvolver todas as potencialidades humanas para que todos possam compreender o entorno em que vivem de forma crítica com autonomia para pensar, agir e transformá-lo. Lutamos pela preservação da memória social das vozes marginais que se auto organizam e dão vida às suas histórias coletivas de luta e resistência por uma vida outra.

EDUCAÇÃO AMBIENTAL: POR UMA PEDAGOGIA BIOFÍLICA E BIOCÊNTRICA

Isabella Bengaly dos Santos
isabella.bengaly@gmail.com

A pesquisa está ancorada no campo da Educação Ambiental e possui como temática a busca por uma pedagogia biocêntrica e biofílica, tendo como proposta um diálogo que se faz necessário, ainda mais como futura educadora num mundo que corre risco de extinção. Sendo assim, a pesquisa tem um caráter qualitativo, onde busco através de uma revisão bibliográfica, porém, sem trabalho de campo, rever os documentos nacionais e internacionais sobre meio ambiente e educação, a fim de buscar novas bases teórico-metodológicas. O propósito é mostrar como o modelo social/econômico/cultural ocidental, no qual o mundo está inserido, é extremamente prejudicial e está extinguindo a vida na Terra. Saliento que é necessário realizar mudanças no modo de viver e de educar se quisermos realmente debater sobre formas de tornar o mundo um lugar melhor. Parto do princípio de que ser sustentável exige o exercício de questionar a lógica antropocêntrica e buscar o biocentrismo, uma ética centrada na vida, na qual o centro da existência são todas as formas de vida e não somente a humanidade, de modo a repensarmos nossa forma de estar e nos relacionar com o mundo. Portanto, qual a importância da escola nessa discussão, uma vez que ela é uma instituição de formação e transformação social? Partindo disso, proponho a me debruçar sobre o que acredito que a escola deve ser e o seu papel neste contexto, pensando em uma mudança curricular e uma nova concepção de Educação. Pois, acredito que não existe forma de falarmos de sociedade com responsabilidade ambiental e social sem pensarmos em como uma sociedade assim deve agir consigo mesma e para com os demais seres da natureza. É retirar as crianças do grande tempo que passam nas salas fechadas (desemparedar), trazendo a natureza novamente para a vida humana, não mais como fonte de recursos ou cenário, mas como parte de um único organismo vivo que é a Terra. Para isso é necessário estreitar o laço biofílico natural das crianças, uma vez que esse sentimento é uma afeição pelas coisas vivas, pela própria natureza, o que possibilitaria ao ser humano ter mais apego ao mundo e, assim, mais preocupação em preservar a biodiversidade e ser mais disposto a fazer mudanças na sociedade quanto ao tema. Desta forma, pretendo promover um debate sobre as práticas educacionais, sobre a formação em Pedagogia e sobre o modelo de educação nacional, de modo a vermos se o que fazemos em nossas escolas é parte do processo de uma sociedade que precisamos neste momento. Fortalecendo a ideia de que a escola deve estar sempre preocupada com o planeta, buscando estabelecer vínculos harmônicos, assegurar a equidade social e o apego a todas as formas de vida.

INFÂNCIA QUILOMBOLA MANIFESTADA NO BRINCAR COM A NATUREZA

Tagore Penna Mendes de Almeida

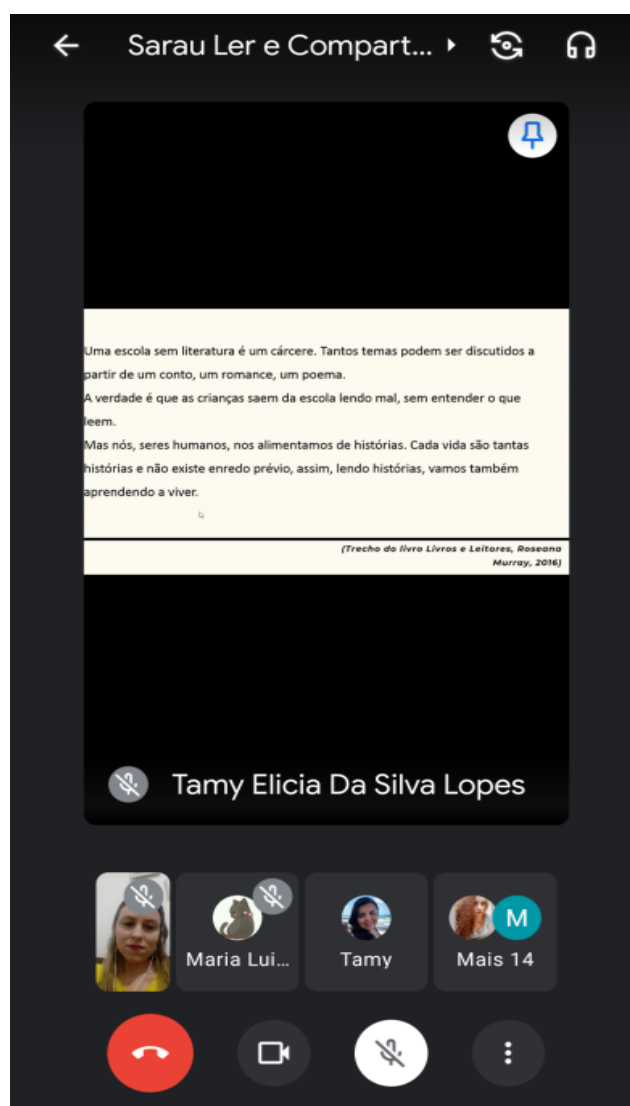
tagorebio@gmail.com

A presente investigação emerge da dissertação em curso realizada junto à comunidade do Quilombo do Camorim no Maciço da Pedra Branca/RJ com o intuito de investigar a infância quilombola residente e sua relação com o universo natural expressa no brincar. Os povos tradicionais quilombolas desenvolveram práticas de resistência na manutenção e reprodução de seus modos de vida característicos de determinado lugar, em um vínculo íntimo com o território. Tal conexão reflete na sua percepção da realidade, seus valores e, conseqüentemente, o seu cuidado com o meio. Na urgência por novas pedagogias a fim de contribuir com intervenções humanas, integrativas, decoloniais e mais harmônicas com o mundo natural, esta pesquisa se pauta no campo da Educação Popular indo de encontro com a oralidade desta comunidade. O recorte etário da infância nesta pesquisa se deve a sua relevância como via de conhecimento, não a considerando apenas como uma fase no desenvolvimento humano. A atual instituição escolar hegemônica ocidental ainda prevalece em sua práxis com a docilização dos corpos infantis, relações hierárquicas etárias e pedagogias que privam a liberdade de experimentação desamparada na infância; em contrapartida ocorre um avanço da ciência na comprovação de que um caminho contrário a este que promove uma infância salutar. O brincar se caracteriza como um fazer natural e universal, o qual forma o indivíduo contribuindo para sua saúde, sua concepção da realidade e reflete em como irá se relacionar futuramente com o meio em que vive. A partir da relação de confiança com a comunidade tradicional em questão, por meio de uma pesquisa-participante, o material de campo apresentado até momento provém de entrevistas com representantes quilombolas do núcleo familiar mais antigo e de registros fotográficos coletados das crianças locais em suas brincadeiras tradicionais. Os dados foram dialogados com as produções bibliográficas existentes nos campos do brincar, infância-natureza e ancestralidade. As brincadeiras trazidas pela infância local em sua maioria revelaram a preferência por água e uma variedade de possibilidades de explorações no contato com a matéria; utilizava-se de elementos naturais na criação das mesmas. A partir da análise infância-natureza quilombola e das entrevistas evidenciou-se a ancestralidade na relação com a mata, seu pertencimento; e no vínculo dos adultos com as crianças se fez de forma a enaltecer a liberdade e a autonomia das mesmas, em uma condução de horizontalidade etária. Reconheço por fim que o educar da criança a partir de epistemes próprias e seus valores civilizatórios afroameríndios pode contribuir para o fomento da saúde pessoal, social e do meio ambiente.

LER, REVERBERAR E ESCREVER: UM TRANSBORDAMENTO DE VOZES

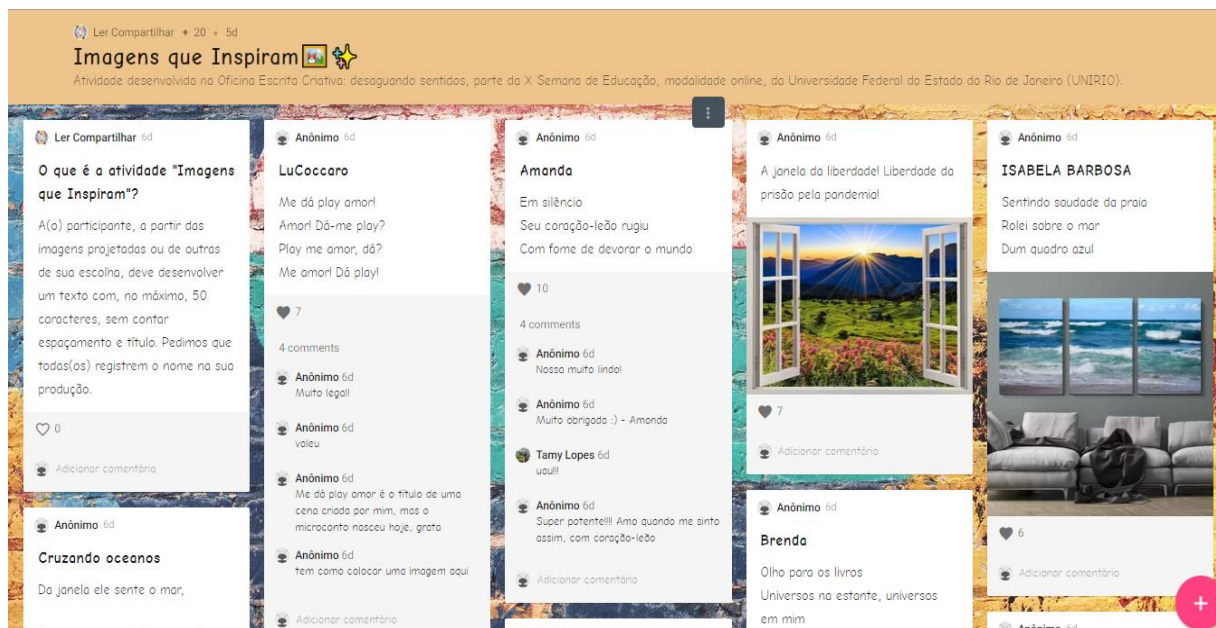
Bianca Dias de Souza
Yasmim da Silva Borges Ferreira
Maria Luíza Almeida de Souza
Tamy Elicia da Silva Lopes
Marcela Afonso Fernandez

Ao propormos na X Semana de Educação Tania Mara Tavares da Silva o Sarau *Leitura e Educação: entrelaçando cuidados* e a oficina *Escrita Criativa: desaguando sentidos*, tivemos como objetivo criar *espaçostempos* de acolhimento, escuta e livre expressão por meio do sopro da palavra poeticamente sentida. Tanto no sarau como na oficina, buscamos tecer um mosaico de vozes tendo como liga e estímulo a literatura. No sarau, optamos por pesquisar e selecionar fragmentos poéticos e ensaios inspiradores conectando a leitura e a educação. Além disso, destacamos poemas do livro *Como desaparecer completamente*, do escritor Ian Simão, graduando em Pedagogia da UNIRIO. A experiência da leitura oral somada à conversa sensível entre as/os participantes abriram passagem para as vozes e emoções de tons diversos. A liberdade de ler o que o desejo pedir (trechos em prosa e verso) gerou a partilha das criações poéticas de outras/os escritoras/es presentes na roda virtual. A exteriorização e a nutrição afetiva alinhavadas pelos fios literários foram os caminhos metodológicos que escolhemos para essa atividade. Nesse enredar coletivo, as(os) participantes trouxeram poemas de variados escritores: Richard Siken, Maya Angelou, Mauro Luis Iasi, Assuero Cardoso, Fernando Pessoa e Wislawa Szymborska. Os versos, narrados oralmente ou escritos no chat do *Google Meet* (figura 1), traziam aquilo que o encontro estava mobilizando dentro de cada um(a) de nós. Ao mesmo tempo, a escuta do grupo e a vibração após cada texto compartilhado, animava e fortalecia a próxima leitura de textos autorais, por vezes engavetados. No término do sarau, ficou a vontade de viver novamente momentos como esse, pois a literatura compartilhada, além de nos refugiar, resgatou também a humanidade que nos vincula.

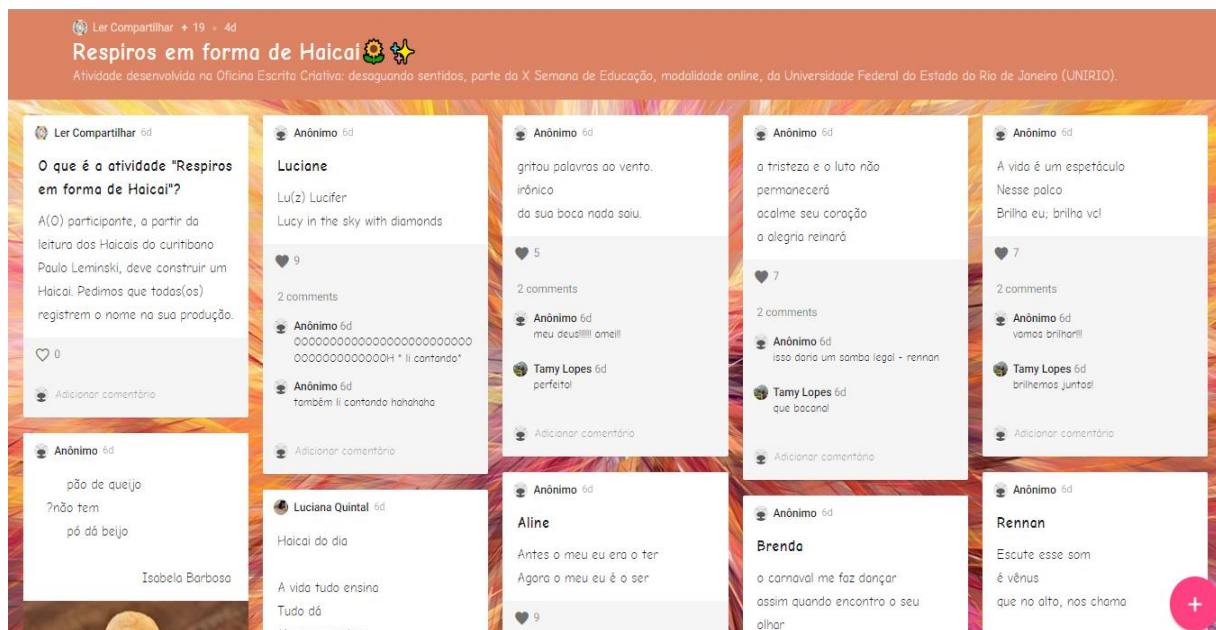


(Figura 1)

Na oficina de escrita criativa, propusemos desafios de escrita a partir de variadas linguagens artísticas, como: música, imagens e poemas haicais. As(os) participantes foram inspiradas(os) a desdobrar sentidos através da escrita e a partilhar com todas(os) nos *Padlets* (figuras 2 e 3), murais virtuais construídos em coautoria. Apreciar o momento de criação e o desaguar dessas sensações em versos nos deu margem à percepção de que através da escrita nos inscrevemos e nos tornamos resistência. Nessa atividade, recebemos convidadas(os) de diferentes *espaçostempos*, o que tornou nosso encontro ainda mais diverso em vozes e experiências. Partilhas de histórias e memórias dolorosas foram acolhidas com leveza e encorajamento por parte de todas(os), tornando aquele encontro único. As palavras desaguaram, ocorreu o “destampar” da abertura à criação e à subversão. Com as inibições deixadas de lado, desconstruiu-se a limitação e o controle. Fomos inspiradas(os) à libertação e à (re)existência.



(Figura 2)



(Figura 3)

DIÁLOGOS EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL: DA (ECO)CIDADANIA A TERRITORIANIA

*Marcelo Aranda Stortti
marcelostortti@gmail.com*

Grupo de Estudos em Educação ambiental Desde El Sur (GEASur) UNIRIO e CEFET-RJ

O objetivo dessa pesquisa foi refletir sobre as práticas sociais relacionadas a (Eco)cidadania e a educação ambiental desenvolvida no Fórum dos Atingidos pela Indústria do Petróleo e Petroquímica (FAPP-BG). A partir do título dessa investigação, começamos a refletir sobre o conceito de (eco) e ou cidadania ambiental e a sua grande pluralidade e multidimensionalidade de termos, conforme nos aponta Isabelle Déjardin. Esse conceito está embasado na classificação que Tomas Marshal propôs dividindo essa vivência cidadã em três esferas de direitos: os civis, políticos e sociais. Esses direitos e deveres, estariam atrelados a um status social e cultural de pertencimento a um Estado Nação localizado dentro do sistemamundo colonial que apresenta um modelo excludente de categorias racializadas como “índio”, “Quilombola” etc. E a adjetivação ambiental, está direcionada para as práticas sociais de uma agenda ambiental urbana em diálogo com a conservação da natureza. Realizamos uma pesquisa qualitativa, produzindo dados a partir da observação e posterior análise de documentos, vídeos, áudios e textos disponíveis na internet e em diferentes redes sociais do FAPP-BG, buscando estabelecer um aprofundamento dos fenômenos estudados. Assim, para essa investigação nos detivemos na técnica de interpretação de dados chamada de análise de conteúdo, criada por Laurence Bardin. Como resultado observamos nos documentos orais ou escritos produzidos por esse movimento social, um processo de construção teórica e prática permitindo se tornarem protagonistas na elaboração de saberes “outros” nesses cenários de conflitos e injustiças. Esses sujeitos sociais rompem com esse tipo de cidadania que busca diálogo com as ideias relacionadas a sustentabilidade e qualidade de vida. Eles entendem que os direitos civis, sociais e políticos não são dados, mais sim reivindicados, conquistados e tomados através da luta socioambiental, apoiados através da organização e mobilização da comunidade do seu território que participaria desse processo de (re)territorialização. A educação ambiental para esses sujeitos históricos possibilita a construção de novos conhecimentos sobre os problemas e conflitos ambientais locais, propiciando um conjunto de práticas sociais que auxiliam na transformação social dessa realidade opressora e na mudança da relação da sua comunidade com a natureza e entre esses atores sociais. A partir dos textos do FAPP-BG e as suas redes de re-existências, podemos observar o nascimento e a construção de uma nova forma de ser e existir na vida, com autonomia e autodefesas dos territórios, não desejando reivindicar direitos para fazer valer a sua outra lógica de pensar embebida de suas territorialidades e processos de territorializações construindo a sua própria “territoriania”, uma cidadania para além do capital, onde o principal foco está relacionado as territorialidades por todos as formas de vida, culturas presentes no território. Nesse processo,

os territórios se tornam como zona de resistência, pois os grupos sociais criam outras formas de práticas sociais, saberes e processos educativos para inventar formas de fazer, sobre-viver e re-existir em comunhão com toda a natureza.

TRABALHO REMOTO NOS ANOS INICIAIS. POSSIBILIDADES. COMO CONSTRUIR RECURSOS PEDAGÓGICOS QUE COMPREENDEM A AVALIAÇÃO COMO UM PROJETO DE APRENDIZAGEM?

Claudia Fernandes

O objetivo dessa oficina foi discutir as possibilidades de se construir recursos pedagógicos para o trabalho da escola remota, onde a avaliação que organiza acompanha, intencionaliza e significa as ações didáticas, se faz presente de tal forma, que acaba se constituindo como um projeto de aprendizagem. Sendo assim, quando falamos em avaliação como projeto de aprendizagem, pensamos numa avaliação que colabora, busca novos caminhos, significa, valoriza saberes, cuida, percebe as aprendizagens como processos e, deste jeito, busca possibilidades para que todos possam aprender, nos diferentes tempos e espaços. A reflexão deste trabalho se iniciou a partir dos princípios que servem de norte para esta perspectiva de avaliação e que trazem necessariamente a discussão sobre o papel social da escola nos tempos atuais. Na oficina, a professora Claudia Fernandes apresentou esses conceitos e abriu o espaço para a discussão das práticas que foram apresentadas. Com base nos conceitos trabalhados, buscamos então identificar, a partir das práticas, os fundamentos sobre concepções de aprendizagens, que amparam e orientam o processo reflexivo para tais construções. Alguns recursos pedagógicos foram apresentados, com a intenção de abrir o espaço de diálogo com os participantes da oficina. A ideia era que, a partir da análise e reflexão sobre possibilidades de trabalho remoto, alicerçados aos princípios apresentados, os participantes pudessem também experimentar e vislumbrar a construção de novas ideias e possibilidades. Diversos materiais foram apresentados: apostilas, programas de TV, vídeos e jogos online. Os trabalhos apresentados revelaram fazeres docentes que intencionalizavam interações, reflexões, diálogos, cuidado, afeto. Tais propostas também oportunizavam que os professores obtivessem pistas sobre os processos de aprendizagens dos alunos, pois todas as produções/interações dos estudantes podem se tornar objeto de reflexão para as novas construções pedagógicas. Esse trabalho assim vivenciado, possibilitou que muitas ideias fossem compartilhadas entre os participantes da oficina. As trocas que aconteceram, evidenciaram o reconhecimento coletivo de que a realidade da organização do trabalho pedagógico, das escolas fechadas, vivenciada por docentes e estudantes, pode ser estruturada de formas outras. Formas estas que possibilitam o afeto, diálogo, aproximações, cooperação, partilhas, transformações. O momento vivido nesta pandemia, necessariamente nos leva a reafirmar o que já foi posto por Freire (1996), que é impossível estudar por estudar, de forma descomprometida como se, misteriosamente, de repente, nada tivéssemos que ver com o mundo, distante do mundo, ele estando alheio a nós e nós a ele. O isolamento social nos coloca diante de muitos desafios e não podemos de forma alguma nos alienar e soltar a mão dos nossos alunos. Precisamos nos aproximar, nos reinventar e assim, quem sabe, reinventar não só por agora, a lógica da própria escola.

Referências Bibliográficas

FERNANDES, Claudia de Oliveira (org). **Avaliação das aprendizagens sua relação com o papel social da escola**. Cortez. 2014.

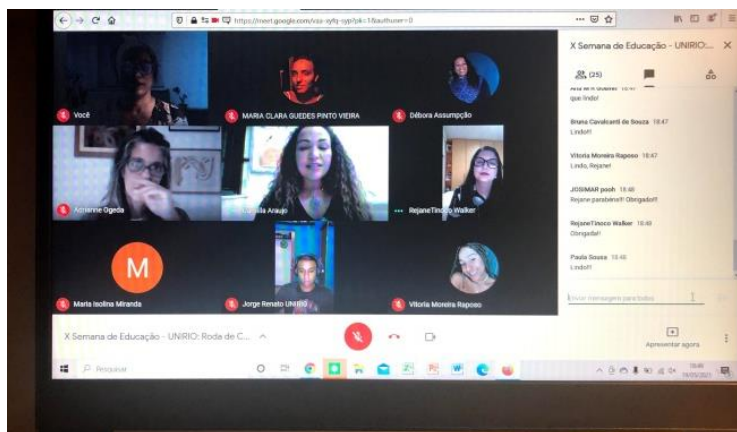
FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1996.

RODA DE CONVERSA COM AS CIGARRAS - FRAGMENTOS FREIREANOS: EXPERIÊNCIAS ÉTICAS, ESTÉTICAS E POÉTICAS NA EDUCAÇÃO

Adrienne Ogêda
Débora Assumpção

Nos propusemos a uma conversa com estudantes, professoras da rede pública de educação e demais interessados, dialogando com a abordagem pedagógica freireana que reivindica a formação de sujeitos críticos e criativos nos processos educativos e jogando luz no conceito potente de *palavra geradora* (FREIRE, 2011): palavra como ponto de partida para a promoção de experiências éticas, estéticas e poéticas na educação. As professoras convidadas ao diálogo, As Cigarras Camilla Bacelar e Rejane Tinoco, veem a arte musical como fio condutor de suas práticas. Através da musicalidade, tecida às suas histórias de vida, foi construída uma trama de fios que se cruzam à docência, à práxis pedagógica, às crianças.. O encontro objetivou um despertar para a sensibilidade nos movimentos praxiológicos de professoras e professores, potencializada através das expressões artísticas. Paulo Freire deixou em sua obra uma partilha de suas histórias, destacando que aprendeu a ler o mundo muito antes da leitura da palavra escrita. Foi ouvindo os passarinhos, o barulho do vento nas árvores, as conversas dos mais velhos, lendo os textos *na cor das folhagens, na forma das folhas, no cheiro das flores* (FREIRE, 2003, p.18), que o autor reuniu experiências significativas, fundamentais à posterior leitura da palavra. As histórias de vida que foram trazidas para o encontro, encharcadas de musicalidade, circularam pelo espaço virtual, aproximando, acolhendo, e de certo modo, abraçando os participantes, dispostos a tecer diálogos conosco em uma quarta-feira à noite. Refletindo sobre as histórias recriadas, revividas e revisitadas, percebemos que as reencontramos no que nos constitui no presente, e nesses reencontros é que nossas práticas fazem sentido. Ao circularmos a palavra, de forma verbal ou escrita, alguns sentidos foram produzidos a partir das canções entoadas, dos ditos e não ditos, dos silêncios. A partir do vivido no encontro pensamos sobre uma educação construída na partilha do sensível, daquilo nos toca, na ampliação dos nossos repertórios e daqueles que são oferecidos às crianças, práticas que são produtoras de experiências poéticas e estéticas, capazes de ressignificar todo o cotidiano da educação. Nas vivências do encontro refletimos sobre a música como potência da palavra geradora. Palavra como *experiência dotada de sentido* (LARROSA, 2002) que nos atravessa deixando marcas, transformações.

Registros:



NEGROTECA, POR QUE SUA ESCOLA PRECISA DE UMA?

Fabiola Roldan

Mestranda em Educação em contextos contemporâneos e demandas populares na UFRRJ

fabiolafortesroldan@gmail.com

É sabido que Letramento literário, promoção de leitura e formação cultural são temas fundamentais para a educação de todos os homens. Na infância esta formação se constrói junto com a formação identitária, social e humana das crianças, ao oferecer um letramento antirracista há uma possibilidade de formar novos sujeitos e uma nova sociedade. Este trabalho tem como objetivo trazer reflexão sobre os letramentos literários oferecidos às crianças e jovens das escolas públicas do país. Ressaltando a importância da inserção das literaturas negro brasileiras em seus acervos e projetos, a fim de suprir as demandas relacionadas à aplicabilidade da lei 10.639/03, promovendo diversidade nos currículos e fomentando a construção de uma educação antirracista. Para tanto foram analisadas as literaturas infantis e juvenis oferecidas pelas políticas públicas de promoção de leitura, a saber o PNBE (Plano Nacional Biblioteca da Escola), mais precisamente o PNBE na Escola, Literatura Fora da Caixa do ano de 2014, onde buscamos em seu acervo por literaturas que contenham temática afro brasileira, personagens negros, autores negros, ou menção que destaque a presença do negro, sua cultura e seu protagonismo nas histórias. Foram também analisados títulos de literatura infantil e juvenil negro brasileira disponíveis fora do programa para compor uma proposta de acervo. Em face da obtenção dos resultados da pesquisa, é observada a carência de Literaturas com temática afrobrasileira e com personagens negros para a educação infantil pelo programa aqui analisado e também o mesmo ocorre nos anos iniciais da educação. A fim de preencher essa lacuna é criada a ideia da Negroteca, que é a composição de um acervo negro brasileiro de literaturas infantis e juvenis para dar suporte ao educador na aplicabilidade da lei 10.639/03 e na promoção de letramento literário antirracista, em face da carência dos mesmos nos letramentos e acervos oferecidos.

AULAS REMOTAS E ALGUNS IMPACTOS

Andréa Thees

andrea.thees@unirio.br

Ingrid Lane dos Santos Galvão

ingridlanegalvao@gmail.com

Sonia Regina Mincov de Almeida

mincov.almeida@gmail.com

Tarliz Liao

paraotarlizliao@gmail.com

A crise sanitária que iniciou em 2020 ocasionada pela pandemia do Sars-Cov-2, incorreu em uma mudança abrupta quanto a diversidade de hábitos e ações contemporâneas, em nível nacional e mundial. O mesmo foi percebido no campo educacional, haja vista a publicação da portaria nº 343/2020, que dispôs sobre a substituição das aulas presenciais por aulas remotas mediadas por meios digitais enquanto durasse aquela situação pandêmica. Desta forma, diversas situações ficaram evidentes como: a intensificação do uso das tecnologias digitais (TD) pelos docentes; a instituição do home office e a utilização de encontros síncronos em substituição às aulas presenciais. Diante desse cenário, o presente trabalho objetivou investigar junto a um grupo de 34 estudantes universitários da rede privada da cidade do Rio de Janeiro, com faixa etária entre 18 e 25 anos de idade, matriculados em instituições que atendem todas as classes sociais, qual a percepção do uso das TD pelos discentes, como estes percebem a utilização pelos seus professores e ainda, os possíveis desdobramentos do processo de ensino e aprendizagem nesse momento de aulas remotas. A seleção da faixa etária deu-se ao fato de que os sujeitos da pesquisa pertencem a uma geração conectada e ligada em rede, cujo termo foi cunhado por Prensky (2001) como “nativos digitais”. Entretanto, Prensky (2012) indica que apesar dos natos digitais nascerem envoltos às tecnologias e as utilizem, não significa que sejam hábeis e capazes de se posicionar sabiamente no uso das tecnologias disponíveis, associando a habilidade do uso das mesmas com a competência em extrair tudo que ela pode oferecer. A pesquisa de abordagem quanti-qualitativa, utilizou-se de um questionário elaborado no Google Forms para coleta de dados, o qual continha perguntas de múltipla escolha e discursivas de forma que contemplassem a complexidade de variáveis e das situações previstas. As normas da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa e do Conselho Nacional de Saúde do Ministério da Saúde, destinadas à pesquisa envolvendo seres humanos, foram devidamente informadas aos sujeitos que aceitaram participar dessa investigação. Para fins de análise, discutiu-se sobre os resultados das respostas em duas categorias: professores e TD e, estudantes e TD: um primeiro que investigou as percepções dos discentes a respeito do uso que seus professores fazem das TD

durante a pandemia e, um segundo, que pesquisa sobre a relação dos estudantes, TD e conhecimento. A partir deste contexto, destaca-se, sob a visão dos estudantes, que os professores estão lidando bem com as TD, necessitando repensar as metodologias de ensino. Em relação a aprendizagem, os mesmos sentem que não estão se dedicando na mesma proporção do que ocorria, sendo que 73,5% preferem o presencial.

NARRATIVAS OUTRAS: RELAÇÕES COM E ENTRE CRIANÇA E NATUREZA: A CONSTRUÇÃO AMOROSA DE UMA NARRATIVA DECOLONIAL

Karin Cristina Santos de Albuquerque

A nossa sociedade ocidental, capitalista, patriarcal e colonialista nos ensina que somos superiores à natureza, como resultado dessa relação, estamos cada vez mais desconectados e sentindo as consequências disso. O binômio: ser humano x natureza, nos apresenta uma natureza distante de nós que existe apenas para nos servir. Ideia justificada nas relações antropocêntricas, de dominação e exploração, onde o ser humano, que é considerado o personagem principal da história planetária, pode explorar o meio ambiente a seu favor (GUIMARÃES, 2016). Para transgredirmos esta visão hegemônica da sociedade capitalista - que submete natureza, povos e indivíduos aos interesses do mercado - é fundamental as relações de afeto. É na dimensão afetiva que poderemos encontrar um potencial para o desenvolvimento de relações significativas com a natureza. Dialogando com o conceito de “Epistemologias do Sul” de Santos (2020) entendo que o conhecimento valorizado nas instituições de Educação Infantil ainda está sob o domínio do pensamento capitalista, patriarcal e colonialista, que privilegia a mente em detrimento do corpo e que enxerga a natureza apenas como recurso, que ignora os saberes das crianças -expressos por seus sentidos- e que desvaloriza também as relações com a natureza. Assim, buscar novas epistemologias, baseadas nos saberes da infância pode possibilitar novos caminhos de ruptura com o pensamento hegemônico eurocêntrico tão presentes na nossa rotina de Educação Infantil. A relação dialógica com as crianças sempre esteve presente na minha práxis e foi nessa narrativa, de valorizar o olhar delas, que percebi a potência do encontro com a Natureza. Me permiti como professora escutar as crianças e ver que relações teceríamos ao interagir livremente com a natureza. Essa proposta de trabalho surgiu quando as crianças da turma de 3 anos de uma creche municipal olharam para a janela e viram que tinha um passarinho em um ninho. Uma relação de afeto foi estabelecida entre o grupo e a natureza. A minha prática voltou-se para esse vínculo: fizemos pesquisas científicas sobre o pássaro, passamos a observar as diferentes espécies que habitavam também o nosso espaço e se familiarizar com os nomes de cada um, o que gostavam de comer, compartilhamos músicas e histórias de pássaros, ficamos tristes com os ninhos que caíram e com pássaros que morreram... de toda essa vivência o que ficou marcado foi a potência desse encontro, o amor e o cuidar que estavam em comunhão. Pudemos olhar para a natureza como um Sujeito, um Ser Vivo e nessa relação igualitária vimos na nossa práxis que “Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender” (FREIRE, 1997, 25). A partir dessas interações afetuosas com e entre criança e natureza, eu percebi as ações das crianças no espaço mudar, a relação delas com o nosso mundo (escola) mudou, foi afetada, nós fomos afetados nessa relação. Observei que elas saíam para esses espaços, que antes eram apenas lugar de correr e de explorar os brinquedos, e passaram a olhar para o céu, ver que pássaros estavam no

mesmo ambiente que elas, ver outros animais, o canteiro que tinha uma faixa de terra, eles passaram a cavar e brincar com essa terra. O olhar delas para o ambiente mudou, o meu olhar também mudou ao perceber esses interesses. Nós pudemos conhecer o que estava além das fronteiras do aceitável e transgredimos ao repensar essa relação e assim vimos uma outra possibilidade. Paulo freire (1997) diz “que educar é impregnar de sentido o que fazemos a cada instante”, eu aprendi e refleti também com a Léa Tiriba que para transgredirmos esta visão da sociedade capitalista - que submete natureza, povos e indivíduos aos interesses do mercado - é fundamental as relações de afeto (TIRIBA, 2018). A Terra e as Crianças precisam dessa relação afetuosa e essa relação dialógica não acontece quando olhamos a natureza separada de nós, sendo apenas um recurso para nos escutar. É urgente a importância de possibilitarmos tempos e espaços para essas narrativas. Estamos passando por uma crise ambiental planetária, reflexo da relação consumista que temos com o Meio Ambiente e do não reconhecimento que somos Natureza. Precisamos experimentar a natureza que somos e garantir às crianças o direito a pedagogias ecológicas, decoloniais, que oportunize essa relação necessária com o natural (TIRIBA, 2018).

Referências bibliográficas

FREIRE, P. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1997

GUIMARÃES, M. Por uma educação ambiental crítica na sociedade atual. Universidade Federal do Pará: Periódicos UFPA, 2016

SANTOS, B. O fim do império cognitivo. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

TIRIBA, L. Educação Infantil como direito e alegria. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2018.

EXPERIÊNCIAS DE PROFESSORES DE MATEMÁTICA DA EDUCAÇÃO BÁSICA DURANTE A PANDEMIA

Andréa Thees
andrea.thees@unirio.br

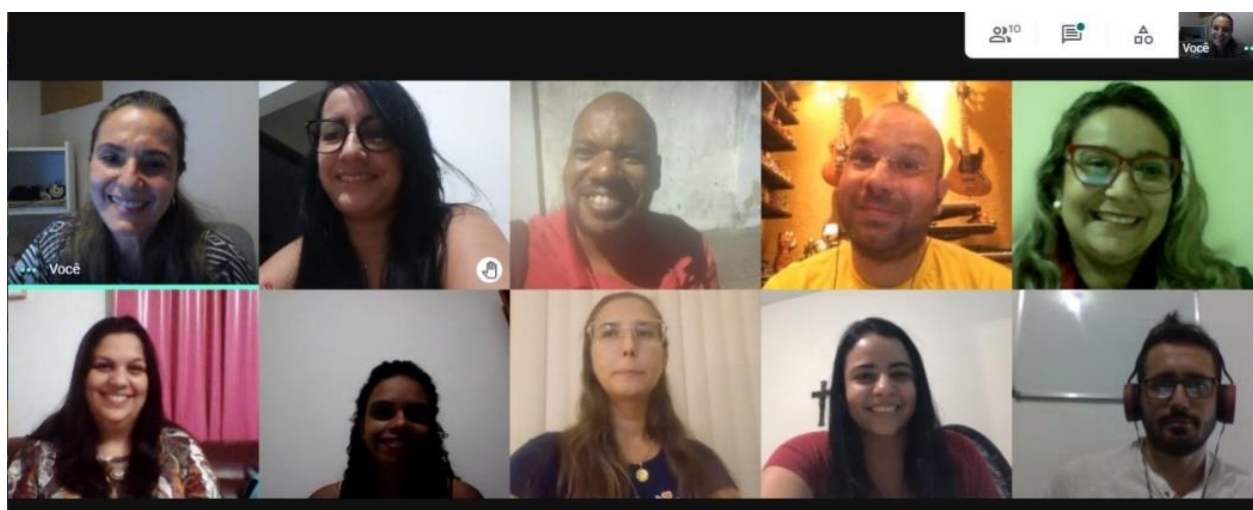
Nessa atividade, que aconteceu no dia 20 de maio de 2021 como parte da X Semana de Educação Tânia Mara Tavares da Silva, foram convidados um grupo de professores da Educação Básica, os quais também atuam como mediadores do Curso de Licenciatura em Pedagogia a Distância da Unirio – LIPEAD. Nosso objetivo ao propor essa roda de conversa foi dialogar sobre as estratégias adotadas pelos convidados no ensino de matemática que visavam superar os desafios impostos pelo ensino remoto. Nesse cenário, propusemos questionamentos sobre possíveis metodologias que deram conta de auxiliar no ensino matemática online, de forma significativa ou não. Sob a coordenação da professor Andréa Thees e vice coordenação do professor Bruno Viana (Polo Unirio), foram convidados os professores Eduardo Gomes Neto (Polo Niterói), Adriana Barbosa do Carmo (Polo Piraí), Larissa Stephanie Dias e Silva (Polo Barra do Piraí), Márcio Daniel Valentim da Silva (Polo Macaé), Anna Paula Oliveira Souza (Polo Natividade), Rosimar Porphirio Silva (Polo Itaocara) e Mayara Brasil Carvalho Gomes (Polo Saquarema), para apresentar suas práticas letivas seus métodos e desafios durante o período de isolamento social. Desde 2020, o fechamento das escolas imposto pela pandemia de Coronavírus mudou o cotidiano dos sistemas escolares. No total, tivemos 40 participantes inscritos na atividade, que foi realizada via Meet. A metodologia escolhida priorizava os relatos de experiência dos professores convidados, mas não impediu que os participantes opinassem sobre os temas debatidos durante a roda de conversa, que iniciou às 18h e teve 2 horas de duração. Nesse período, tivemos a oportunidade de ouvir as experiências e práticas de cada um dos professores que atua em municípios do interior do Estado do Rio de Janeiro. Na sua maioria, os relatos indicaram os problemas enfrentados pelos estudantes da Educação Básica para ter acesso ao material educacional disponibilizado em plataformas, de forma online, bem como a dificuldade de deslocamento para retirar o material impresso nas escolas. Outro ponto bastante discutido foi a falta de auxílio financeiro, por parte dos gestores públicos, para instrumentalizar os professores, que denunciaram ter tido despesas elevadas para poder continuar atuando nesse modelo remoto. Itens como celulares mais potentes, laptop ou computadores, contratação de planos de internet móvel com mais quantidade de dados, e até mesmo aumento na conta de energia elétrica, tiveram que ser adquiridos pelos próprios professores. Alguns professores denunciaram a ausência de formação para atuar de forma remota. Por outro lado, a maioria buscou se qualificar por conta própria através de cursos online oferecidos por algumas universidades ou mesmo procurando ajuda com colegas em grupos de whatsapp ou nas redes sociais. Ao final, concluímos que uma das áreas mais impactadas pelo isolamento social foi a Educação, que sofre com a precarização e descaso dos órgãos

públicos há tempo e agora, mais do que nunca, permanece repleta de desafios pedagógicos e impedimentos tecnológicos.

Registros:



Cartaz de divulgação



Professores convidados

OS DESAFIOS DA EFETIVAÇÃO DO DIREITO À EDUCAÇÃO DIANTE DAS DESIGUALDADES

Rosângela Cristina Rocha Passos Felix- Unirio

Priscila Nunes França de Oliveira- Unirio

Fatima Alves Pereira- Unirio

Este trabalho tem por objetivo investigar os desafios da efetivação do direito à educação, no que tange não somente ao acesso, mas a permanência e a qualidade, mesmo diante das desigualdades no Brasil. Este estudo é desenvolvido no grupo de pesquisa Políticas, Gestão e Financiamento em Educação (Pogefe/ Unirio), vinculado ao Núcleo de Estudos Tempos, Espaços e Educação Integral (Neephi/ Unirio). Além disso, faz parte do projeto “Gestão e Educação em Tempo Integral no Brasil e Portugal: aproximações e distanciamentos”, coordenado pela professora Dra. Elisângela Bernado, por meio do Programa Jovem Cientista do Estado do Rio de Janeiro- Faperj. A educação no Brasil é um direito social subjetivo pautado pela Constituição federal de 1988 e outros documentos legais como a LDBEN- Lei Nº 9394/96, o ECA- Lei Nº 8069/90, e outros. Tais documentos abordam não só a garantia do acesso, mas tratam sobre aspectos para subsidiarem a permanência, regulamentam de que forma o ensino deve ser oferecido, além de definirem as responsabilidades dos entes federados em cada etapa. No entanto, apesar da declaração desse direito em documentos oficiais, o Brasil tem um grande desafio para a sua efetivação: as desigualdades. O Brasil é um dos países mais desiguais do mundo, ocupando o 7º lugar, segundo o Relatório das Nações Unidas (RDU) de 2019. Por ser um país colonizado e marcado em sua história por um longo período de regime escravocrata, as desigualdades, principalmente as relacionadas a distribuição de renda, são um problema estrutural no país. No cenário educacional, mesmo que haja leis no sentido de garantir o direito à educação para todos, as condições de efetivação não são as mesmas. Seja na distância, no currículo, no tempo, e até mesmo nas condições de estruturas dos espaços escolares, os alunos de classes mais altas possuem melhores condições. Isso porque o investimento na educação pública ainda é uma grande disputa no meio político, e a valorização dos professores não é uma realidade. Dessa forma, as desigualdades na distribuição de renda, que estão inseridas nas desigualdades sociais, acabam por refletir nas desigualdades educacionais, já que oferecer educação de qualidade em espaços sucateados, sem a valorização dos profissionais da educação que muitas vezes refletem na falta desses profissionais, além de um tempo minimalista, torna-se inviável. Com isso, forma-se um ciclo de pobreza, e as desigualdades vão se perpetuando. Essa investigação tem cunho qualitativo tem como instrumentos a análise documental e a pesquisa bibliográfica.

Palavras- chaves: Desigualdades; Educação; Direito à Educação

CURRÍCULO COMO CONVERSA NA FORMAÇÃO EM ERE

Maria Luiza Sússekind

Programa de Pós-Graduação em Educação UNIRIO | ANPEd

mluizasussekind@gmail.com

Isabela Leal da Silva Cavalcante

Escola de Educação UNIRIO

isabelaleal@edu.unirio.br

O desafio de ministrar o componente curricular *Currículo* para uma turma de graduação, integrada por estudantes de diferentes cursos das licenciaturas e Pedagogia, durante o ensino remoto emergencial trouxe a nós a possibilidade de uso de vídeos, *lives*, filmes, textos opcionais e obrigatórios que considerem os recortes temáticos da/na pandemia, em aspectos como ódio e gênero, por exemplo. Considerando essa experiência, desenvolvemos a oficina que se deu em uma sala do Zoom, com transmissão simultânea para o YouTube, contando inicialmente com uma fala que localiza a Teoria do Currículo como conversa complicada (PINAR apud SÜSSEKIND, 2014) em quadro teórico baseado nas Epistemologias do Sul (SANTOS, 2009), argumentando a necessária luta contra as linhas abissais que desenham o mundo atual. Ao longo do semestre letivo, em *Currículo* esperamos que os discentes traçassem caminhos diferentes apoiados nas referências indicadas em unidades. Não foi determinada ordem de leitura ou pré-requisito. Indicamos que lessem o que despertasse interesse, a partir do que dispomos em pastas no *Google Drive*, de acordo com a disponibilidade individual. Entendemos, assim, que cada território de sala de aula é frequentado por múltiplos conhecimentos e solidariedades que se posicionam político e epistêmico-metodologicamente contra a produção de ausências. Dessa forma, entender o currículo como conversa complicada implica a multiplicação de sentidos e a consciência de que para além do documento existente, há uma invenção cotidiana que articula a descoberta e significado educacional das disciplinas escolares. Com a experiência vivida pelos monitores, bolsistas de Iniciação Científica, mestrandos e doutorandos do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGEdu/UNIRIO), que acompanharam a criação cotidiana curricular no componente curricular Currículo do curso de formação de professores, defendemos a posição política de um ambiente educativo como espaço de esforço permanente contra a aniquilação da diferença, a padronização e o esvaziamento da docência que *coisifica* o currículo, pretendendo medir e remunerar seus resultados. Como reflexão, na oficina, o *mentimeter* “Currículo é conversa porque...” foi disponibilizado com a orientação de escrita de resposta em até 15 caracteres. *Mentimeter* é uma plataforma *online* de criação de nuvens de palavras interativas, que podem ser compartilhadas com seu público. Logo em seguida, estabelecemos a dinâmica com um *Padlet* que proporcionou a formação de quadros virtuais com formatos diferentes e que podem ser alterados/adicionados a qualquer momento. Esta ferramenta

consistiu no registro de impressões sobre o encontro, sendo possível *upload* de links, fotos e narrativas textuais. O convite à realização da *Prova Platô* foi feito ao mesmo tempo que explicamos tratar-se de um registro curricular *a posteriori* feito coletiva e individualmente em um documento do *Google Docs*. Já a autoavaliação, sendo a última ferramenta utilizada durante o encontro, foi enviada também por e-mail aos inscitos no evento. Feita em um formulário do *Google Forms*, os espaços disponíveis foram pensados para comentários sobre as percepções a respeito do encontro, destacando os trabalhos em rede da Universidade que experimenta, de maneira inédita, a possibilidade de um desenho curricular que caminhe para um formato mais híbrido.



EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: POLÍTICAS PÚBLICAS, FORMAÇÃO E PENSAMENTO FREIRIANO

Eliane Ribeiro Andrade
Programa de Pós-Graduação em Educação UNIRIO
eliane.andrade@unirio.br

Isabela Leal da Silva Cavalcante
Escola de Educação UNIRIO
isabelaleal@edu.unirio.br

Tendo como convidado, Leôncio Soares, professor titular da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), referência no campo da Educação de Jovens e Adultos no Brasil, a Roda de Conversa “Educação de Jovens e Adultos: políticas públicas, formação e pensamento Freiriano”, buscou discutir os desafios contemporâneos para se pensar os sujeitos da EJA, as políticas públicas para o campo, os processos de desigualdades e a atualidade do pensamento de Paulo Freire. No âmbito da educação escolar, a Educação de Jovens e Adultos é uma modalidade educativa, voltada para todas, todos e todes que não tiveram a possibilidade de concluir a Educação Básica na considerada “idade própria” (LDB - Lei nº 9.394/1996), sendo a partir dos 15 anos (Ensino Fundamental) e 18 anos (Ensino Médio). Segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) de 2019, 20,02% dos brasileiros de 14 a 29 anos não completaram alguma das etapas da Educação Básica, por situações diversas, desde necessidades imperativas de engajamento no mundo do trabalho, questões de gênero como responsabilidades com tarefas domésticas que recaem sobre as mulheres, trajetórias escolares marcadas por muitas reprovações (levando ao abandono); entre outros fatores extra e intraescolares. Vale ressaltar, que os sujeitos educandos estão inseridos em realidades distintas com oportunidades e possibilidades muito diferenciadas. No entanto, no que se refere à concepção da Educação de Jovens e Adultos é possível afirmar que esta vai muito além do sistema de ensino e âmbito escolar. A EJA tem uma relação íntima com a Educação Popular, os Movimentos Sociais e, conseqüentemente, com o pensamento Freiriano. Nessa perspectiva, o encontro debate um conjunto de questões para se pensar a EJA hoje, ressaltando a importância do que Paulo Freire estabelece como “estar no mundo”, fenômeno que traz a realidade individual, ajudando a entender o momento passado, ao mesmo tempo que anuncia possibilidades de transformação e saída para um outro mundo possível. Com uma diversidade de atores, frequentemente entendidos no campo simbólico da perda como “sem conhecimento”, o olhar para a EJA, sobretudo, nesse momento de ataques à educação democrática e desmontes expressivos em suas ações pelo país, levanta a urgência de valorizarmos todos que participam desse processo (docentes e discentes). Sendo processo de formação ao longo da vida, os dilemas de desigualdade social e vulnerabilidade de sujeitos nos impõe a denúncia de um projeto intencional de um Estado que desconsidera a educação

e suas necessidades. Dessa forma, a EJA ao ser lida com base em um contexto de possibilidades, espera de nós um olhar diferenciado para os processos educativos, que não podem ser pensados de maneira isolada. No Brasil, sempre esteve atrelada a relativa ousadia, influenciando até mesmo o ensino regular. Por fim, a roda de conversa destaca Freire quando afirma que a vocação do homem é de ser sujeito enraizado em um espaço e tempo histórico e num constante processo de vir a ser.

QUANDO LGTBs INVADEM A ESCOLA E O MUNDO DO TRABALHO

Diógenes Pinheiro
Programa de Pós-Graduação em Educação UNIRIO
diogenes.pinheiro@unirio.br

Cláudia Reis
Professora e Pesquisadora do Colégio Pedro II
msclaudiareis@gmail.com

Isabela Leal da Silva Cavalcante
Escola de Educação UNIRIO
isabelaleal@edu.unirio.br

A mesa redonda “Quando LGTBs invadem a escola e o mundo do trabalho” congregou alguns dos pesquisadores que, em 2020, em plena pandemia, se reuniram virtualmente para tentar responder o porquê ainda hoje é tão difícil para pessoas LGTBs (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transsexuais) permanecerem na escola e ingressarem no mundo de trabalho. Para tentar responder a essa indagação, trouxemos experiências e atores variados, desde estudos acadêmicos até experiências e militância em torno das questões de gênero, em um momento em que se busca cercar esse tipo de debate, principalmente na escola. Os palestrantes Alexandre Bortolini, Dandara Felícia e Paulo Melgaço, com mediação e comentários de Cláudia Reis, discutiram o campo de estudos sobre direitos de pessoas LGTBs, destacando que apesar dos avanços conquistados nos últimos anos, existem tantos ainda muitos desafios para superarmos a discriminação por orientação sexual e identidade de gênero, a homofobia. As bandeiras LGTBs têm buscado comunicar, dessa forma, que em um país conservador, recentemente dominado por tendências fundamentalistas religiosas que ocupam a cena política e ditam normas de comportamento moral, que a demonização de qualquer referência à diversidade de gênero, exige o questionamento da heteronormatividade e seus impactos na construção de um imaginário coletivo que pretende aniquilar o “diferente”. Por tudo isso, o título carrega o verbo “invadir” que significa ocupar à força; conquistar; difundir-se; alastrar-se por; espalhar-se. A metodologia da Roda de Conversa surge na Educação Popular e ainda hoje é muito utilizada por educadores, pois implica na escuta atenta do outro, daquele que é diferente de mim e, por isso mesmo, tem algo a me ensinar. O convívio com a diversidade está na base de uma sociedade democrática. Pensar educação, trabalho e convívio social como dimensões indissociáveis da vida e pilares fundamentais de uma experiência de cidadania mais plena reforçam a potência atual da luta pelo maior reconhecimento de todas, todos e todes, mostrando que as questões de gênero têm transversalidades com outros ativismos sociais e vêm conseguindo se inscrever entre as principais bandeiras no campo dos direitos humanos. Portanto, as reflexões reunidas na mesa redonda demonstraram que

temos caminhado para uma maior visibilidade das profundas exclusões vivenciadas por esses sujeitos e corpos, ação fundamental para superação da marca brasileira de um país desigual e violento, mas convivemos, também, com a necessidade urgente de avanço no debate sobre a construção de um arcabouço legal capaz de garantir igualdade de direitos a sujeitos muito diferentes, mesmo dentro do próprio campo LGBT.

RESULTADOS QUANTITATIVOS EM EDUCAÇÃO: VAMOS PROPOR UM VOCABULÁRIO ANTIRRACISTA EM SALA DE AULA?

Isabela Leal da Silva Cavalcante
Escola de Educação UNIRIO
isabelaleal@edu.unirio.br

Jessica Fernandes Leal da Silva
Escola de Educação UNIRIO
jessicaleal.1996@edu.unirio.br

Marcele Cunha Ferreira dos Santos
Escola de Educação UNIRIO
marcelecfs@edu.unirio.br

Ao pesquisarmos quantitativamente a transformação de uma pesquisa de opinião em potencial instrumento de reflexão sobre a realidade étnico-racial, o presente trabalho buscou, a partir das respostas a um questionário *online*, constituir uma proposta contra-hegemônica de recusa às inúmeras formas de preconceito racial que adentram o ambiente escolar. Como ferramentas para análise escolhemos perguntas fechadas, que possibilitaram um leque de respostas dos entrevistados, e abertas, responsáveis por permitir respostas não previstas anteriormente por nós, possibilitando sínteses quantitativas a partir de sua classificação e codificação. O compartilhamento do endereço eletrônico das questões ocorreu através de e-mail e mídias sociais, no período de 30/03/2021 à 12/04/2021 e se destinou a docentes e discentes da Educação Básica, Ensino Superior e Pós-Graduação. Totalizando 573 respostas, subdivididas em uma maioria de respondentes de gênero feminino, autodeclarados brancos. Abarcando 25 unidades federativas (UF) do país, a amostra da população é majoritariamente jovem e da rede pública de ensino. Levando em consideração o perfil dos respondentes e a interdisciplinaridade de referências utilizadas, elaboramos um jogo de tabuleiro chamado “Na trilha do preconceito”. Dentre os objetivos principais da proposta didática, destacamos a promoção de reflexões sobre estereótipos e preconceitos cristalizados no modo de pensar social sobre o povo negro e sua cultura. Construindo, coletivamente, conhecimentos ao Sul defendemos que existe uma frequência de termos e expressões que reforçam a abissalidade de realidades e saberes nos cotidianos acadêmicos. A partir dessa percepção, buscamos analisar o papel da linguagem na construção de padrões com representações sociais discriminatórias, fornecendo alternativas em um dicionário que auxilia à (re)construção de frases, excluindo delas o seu cunho preconceituoso. Inferimos, assim, a importância dos dados que se dão em colaboração ao potencial educativo dos projetos de pesquisa que auxiliam professores, gestores e estudantes na (re)elaboração de práticas e políticas de combate às desigualdades raciais expressas na educação brasileira.

Constatamos, assim, que seja de maneira direta, ou indireta, os impactos linguísticos, sociais, históricos e econômicos que afetam esses grupos vulnerabilizados foram potencializados a partir da nova dinâmica que a pandemia de coronavírus impôs, secundarizando o debate racial, provocando ausências e silenciando experiências. Esse reconhecimento alimenta nossa hipótese inicial da urgente necessidade de dialogarmos com as lutas e reivindicações por uma sociedade mais justa, menos desigual, acolhedora, respeitosa e democrática. Concluímos que os diálogos docentes e discentes de combate ao preconceito não se esgotam com esta pesquisa e o trabalho produzido através da mesma. As ações educativas antirracistas devem ser exercidas em qualquer ambiente, não apenas no escolar e acadêmico, e por qualquer indivíduo independente de cor, idade, gênero, escolaridade e região.



O QUE NINGUÉM TE CONTA SOBRE OS PROJETOS ACADÊMICOS E A VIDA UNIVERSITÁRIA: O LADO DE CÁ

Karina Santos de Brito Silva

O objetivo deste trabalho, tendo como foco estudantes ingressantes, será apresentado através de uma roda de conversa as nossas experiências sobre os projetos que participamos ao longo de nossas trajetórias acadêmicas. Partimos do pressuposto de que “o conhecimento não é algo acabado, mas uma construção que se faz e refaz constantemente (...), o pesquisador estará sempre buscando novas indagações no desenvolvimento do seu trabalho (ANDRÉ; LUDKE, 2003)”. Como discentes na área da Pedagogia e Matemática, pretendemos discutir a interdisciplinaridade, dificuldades e conquistas que enfrentamos na universidade. Nesse contexto, iremos destacar os impasses que a Educação vem enfrentando desde 2016, com os cortes em seu orçamento, no qual as bolsas de pesquisa e extensão são consideradas como despesas discricionárias¹ e a Proposta de Emenda Constitucional 241², que congelou o teto de investimento na área da educação por 20 anos. Ademais, é certo abordarmos as consequências repercutidas, devido a pandemia do novo Coronavírus, em nossas vidas acadêmicas: desde o ensino remoto até ao isolamento social. Nós, alunos veteranos, sofremos a mudança abrupta para as aulas online, enfrentamos dificuldades para as inscrições nas disciplinas, para entrar nas salas virtuais e, acima de tudo, acompanhar as aulas neste novo formato, porém, nos comunicamos entre si, conseguimos o suporte dos nossos colegas de turma, curso ou faculdade. No entanto, como ficam os alunos ingressantes nessa situação? Muitos deles, por não conhecerem ninguém da universidade, acabam ignorantes quanto às oportunidades de bolsas ou atividades extra-classe e afins. Nesse âmbito, exige-se ressaltar que, segundo Paulo Freire no livro Pedagogia do Oprimido, “ninguém educa ninguém, ninguém se educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo” (1981, p.79). Por compartilharmos desse mesmo ideal, entendemos que a divulgação e troca das nossas experiências com outros estudantes irá afetar ou agregar a formação de ambos os lados. A Educação daqueles presentes na roda de conversa será impactada de alguma forma.

¹ <<https://www.politize.com.br/cortes-na-educacao-em-2019/>> Acessado em 27 Abr. 2021.

² <<https://mppr.mp.br/pagina-6868.html>> Acessado em 27 Abr. 2021.

A BUROCRACIA DE NÍVEL DE RUA E A CATEGORIZAÇÃO SOCIAL DOS SUJEITOS

Tereza Cristina de Almeida Guimarães

Leonardo Meirelles Cerqueira

Patrícia Flávia Mota

Resultante de estudos no âmbito do Grupo de Pesquisa “Políticas, Gestão e Financiamento da Educação” e com apoio da Faperj, este texto objetiva argumentar que, a fim de teoricamente acomodar a complexidade das operações em organizações sistêmicas, a abordagem da burocracia de nível de rua, introduzida por Lipsky (1980), deve se aliar aos pressupostos cogitados por Maynard-Moody e Musheno (2003), estabelecendo as bases para uma teoria da implementação da política que abarque não somente a ação dos burocratas, mas a categorização social que realizam dos sujeitos como merecedores ou não dos benefícios das políticas e assim, influenciarem os resultados das políticas públicas implementadas. Por meio da revisão da literatura, inter-relacionamos os padrões de tomada de decisão a comportamentos, valores e ideologias no cotidiano do trabalho no nível de rua. Em 1980, Lipsky estabeleceu uma abordagem política dos burocratas de nível de rua (BNRs), argumentando que esses agentes (professores, policiais, médicos) devem ser compreendidos dentro da última etapa da cadeia da formulação de políticas, pois é na interação entre BNRs e os cidadãos que a política pública se concretiza. A partir dessa proposição, Maynard-Moody e Musheno (2003) desenvolveram outras perspectivas teóricas, propondo que os BNRs são influenciados não apenas pelo contexto organizacional, mas também por funções intrínsecas e ideológicas, uma vez que, durante a interação com os usuários, eles adaptam ou minam metas políticas, de acordo com suas percepções, valores e ideologias. As ideias dos trabalhadores sobre o que torna os cidadãos “dignos” advêm de padrões pessoais que determinam o mérito ou o demérito (MAYNARD-MOODY; MUSHENO, 2003). Nossa conclusão parcial, sugere que a interação nunca é unidimensional: o cidadão também molda o processo e o resultado de sua interação com o Estado, em um fluxo de relações agregadas. Percebemos também que, para os cidadãos "dignos", os BNRs estão mais inclinados a esticar as regras e até quebrá-las (MAYNARD-MOODY; MUSHENO, 2003). No entanto, se um cliente é rotulado como "indigno", tal categorização é utilizada para legitimar ou "para limitar o serviço, punir pequenos delitos e confirmar o julgamento moral do burocrata em relação ao usuário" (MAYNARD-MOODY; MUSHENO, 2003, p. 143). Os critérios morais aplicados por esses agentes na determinação da dignidade de um cidadão podem variar e apresentar resultados diferentes em relação aos tipos de benefícios que recebe.

Palavras-chave: Política Pública; Burocracia de Nível de Rua; Categorização Social.



ESCOLA DE EDUCAÇÃO
30 Anos

